

Orientação

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica, pela ajuda prestada.

Em especial ao Professor Gil Maia, que me incentivou, motivou e inspirou nesta caminhada atribulada, no entanto extremamente enriquecedora.

Ao Professor António Silva agradeço, a paciência o apoio e incentivo com que me orientou no decurso deste relatório final.

RESUMO

Este relatório final, no âmbito do Mestrado em Educação Visual e Tecnológica, é o objeto desenvolvido a partir da Prática Supervisionada III em Educação Visual, no 3º Ciclo do Ensino Básico numa turma do 7º ano, na Escola Básica de Levante da Maia, e dá nota da minha procura de uma (re)definição e de um (re)posicionamento sobre a avaliação, mais especificamente, a avaliação/autoavaliação no contexto da disciplina de Educação Visual.

Todo o processo avaliativo e a forma como este se desenvolve nas escolas por onde passei, sempre foram alvo de algum “desconforto” e preocupação. Os modelos generalistas aprovados e adotados levantavam-me dúvidas acerca da sua aplicabilidade/fiabilidade e eficácia na disciplina de Educação Visual e Tecnológica. Estas questões e dúvidas acompanharam todo o meu percurso de 15 anos como profissional.

No decurso do mestrado, entre outras coisas, apresentou-se como uma oportunidade para construir novos saberes à volta da questão da avaliação.

Surgiram assim as questões que me levaram até esta investigação: Como avaliar em Educação Artística? Que instrumentos utilizar? Como posso melhorar o processo avaliativo e as minhas práticas?

Através deste estudo pretendo (re)pensar a prática da avaliação como integrante do processo educativo. Este estudo abre a possibilidade de apontar caminhos possíveis, mais adequados para a construção do conhecimento sobre a avaliação e a especificidade nas disciplinas artísticas e focar a importância de promover a avaliação/autoavaliação como um processo de carácter eminentemente pedagógico, capaz de contribuir de forma eficaz para o sucesso dos alunos.

Palavras-Chave: Educação Artística, Repensar, Avaliação, Autoavaliação.

ABSTRACT

This Report, in the context of the Master's Degree in Visual and Technological Education refers to educational practice in Visual Education, in the 3rd Cycle of Basic Education, in the class of the 7th year, Basic School of Levante da Maia, and give notice of my searching for a (re) definition and (re) positioning of the evaluation, more specifically, in context of the discipline of Visual Education.

Throughout the evaluation process and how it develops in the schools where I have been, were always the target of some "discomfort" and concern. The general models approved and adopted lifted me doubts about its applicability / reliability and efficiency in the discipline of Visual and Technological Education. These questions and doubts followed throughout my career of 15 years as a professional.

This Master's Degree presented itself among other things, as an opportunity to build new knowledge around the issue of evaluation.

Like this, emerged the questions that led me to this research: How to evaluate in Art Education? What tools to use? How can I improve the evaluation process and my practice?

Through this study I intend to (re) think the practice of evaluation as part of the educational process. This study opens the possibility of pointing out possible paths, more suitable for the construction of knowledge about the evaluation and the specific artistic disciplines and focus on the importance of promoting the assessment / self-assessment as a process of teaching eminently capable of contributing effectively to the success of students.

Key Words: Arts Education, Rethinking, Assessment, Self- assessment.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	I
RESUMO	II
ABSTRACT	III
ÍNDICE	IV
1. INTRODUÇÃO	1
2. CONTEXTUALIZAÇÃO	4
3. PERTINÊNCIA DO ESTUDO	6
4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
4.1. Avaliação	7
4.2. Enquadramento Normativo	10
4.3. A avaliação na Educação Artística	14
5. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	18
5.1. Objetivos da investigação	18
5.2. Caracterização do contexto	18
5.3. Caracterização dos intervenientes	20
5.4. Opções metodológicas	21
5.4.1. Análise de dados documentais	22
5.4.2. Observação	23
5.4.3. Diários	24
5.4.4. Portefólios	25
6. DESENVOLVIMENTO	29
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
8. REFERÊNCIAS	44
8.1. Referências bibliográficas	44
8.2. Referências legislativas	46
9. ANEXOS	47
9.1. Anexo 1 – Planificação da primeira Unidade de Trabalho do 3º período - “À descoberta de uma embalagem”	48

9.2. Anexo2 - Planificação da segunda Unidade de Trabalho do 3º período- Ilustração”	51
9.3. Anexo 3 – Planificação de aula do dia de 29 de abril de 2013	54
9.4. Anexo 4 – Planificação de aula do dia de 6 de maio de 2013	59
9.5. Anexo 5 – Planificação de aula do dia de 13 de maio de 2013	64
9.6. Anexo 6 – Folha de autoavaliação diária	70
9.7. Anexo 7 – Ficha de autoavaliação da unidade de trabalho “À descoberta de uma embalagem”	73
9.8. Anexo 8 – Ficha de autoavaliação da unidade de trabalho “Ilustração”	75

“Ser contemporâneo de si mesmo é o mínimo que se pode exigir de um Arte-Educador.”

(Barbosa ,1990/95)

1. INTRODUÇÃO

O problema sobre o qual em particular me debrucei considera uma preocupação que, fundada na minha prática educativa, liga-se a um interesse e a um problema com o qual, ao longo destes anos me tenho debatido.

Todo o processo avaliativo e a forma como este se desenvolve nas escolas por onde passei, sempre foram uma das minhas preocupações. À medida que os anos passavam constatava um paradoxo entre a minha intenção como professora e o processo efetivamente aplicado.

Estas questões e dúvidas acompanharam todo o meu percurso profissional. Este mestrado, entre outras coisas, apresentou-se como uma oportunidade para refletir, aprofundar e construir novos saberes à volta da questão da avaliação.

No sistema educativo o professor tem também a responsabilidade de avaliar de acordo com suas experiências, os seus conhecimentos e valores que em conjunto com a aplicação de normas institucionais, resultam na avaliação do aluno.

A avaliação atravessa o ato de planificar e de executar; por isso, contribui em todo o percurso da ação planificada. A avaliação está presente não só na identificação da perspectiva político social, como também na seleção de meios alternativos e na execução do projeto, tendo em vista a sua construção. (...) A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte de seu modo de agir e, por isso, é necessário que seja usada da melhor forma possível.

(Luckesi ,2002)

Todas as nossas ações são objeto de avaliação. Propositadamente ou mais informalmente julgamos, comparamos e quanto mais não seja podem servir

para tirar conclusões ou para tomar uma decisão. Até mesmo na execução das ações mais simples do quotidiano a avaliação aparece de forma quase espontânea e natural, como meio para acertar um caminho a seguir. Assim, porque a avaliação tem uma existência que atravessa o nosso dia-a-dia, nas formas de agir, de atuar, de falar e que, por vezes, escapa a uma ação consciente, senti necessidade de refletir sobre este assunto tão fundamental e (re)pensar sobre as minhas práticas de avaliação na escola.

O paradigma do professor reflexivo, isto é, do professor que reflete sobre a sua prática, que pensa, que elabora em cima dessa prática é o paradigma hoje em dia dominante na área de formação de professores....A experiência é muito importante, mas a experiência de cada um só se transforma em conhecimento através desta análise sistemática das práticas.

(Nóvoa ,2001)

A minha experiência profissional de 15 anos como professora de Educação Visual e Tecnológica e, agora, a experiência da Prática Educativa Supervisionada III abriu lugar à descrição, à análise, a considerações teóricas e à reflexão crítica da ação desenvolvida, bem como a considerações acerca do contributo que este curso de mestrado permitiu.

Durante a Prática Educativa Supervisionada III as minhas preocupações sobre a forma como se implementava a avaliação e todo o processo avaliativo, nas diferentes escolas por onde passei, deram origem à reelaboração de instrumentos para o mesmo.

A avaliação na educação artística e sua análise, reflexão e compreensão de possíveis estratégias pedagógicas a redefinir/delinear passaram a ser o foco de interesse para este estudo.

Assim, este relatório final de estágio dá nota da minha busca de uma (re)definição e de um (re)posicionamento sobre a avaliação e, mais especificamente, a avaliação/autoavaliação no contexto da disciplina de Educação Visual, permitindo-me desenvolver uma reflexão sobre as minhas

práticas de uma forma retrospectiva, pretendendo assumir um carácter investigativo relevante, de forma a possibilitar perspetivar diretrizes de ação futuras, no sentido de tentar melhorar a minha forma de atuação.

A origem da palavra avaliação vem do latim *a + valere*, que significa atribuir valor e mérito. Na sequência desta definição, em que avaliar é o ato de atribuir um juízo de valor, este relatório constitui igualmente um espaço para valorizar os conhecimentos por mim adquiridos neste percurso e tentar evitar que a avaliação continue a fazer ruído visual nas minhas imagens mentais.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Ser professor(a) implica interrogar-se continuamente. Um processo de desenvolvimento profissional responsável implica obrigatoriamente, uma reflexão sobre as competências necessárias a esse desenvolvimento. A sentida necessidade de formação que me levou a candidatar a este curso de mestrado não constitui, assim, uma surpresa. Foi com base nesta premissa que, ao fim de 15 anos como professora, decidi aventurar-me nesta viagem.

A possibilidade de frequência de um mestrado apresentava-se como uma oportunidade para construir novos saberes. Este Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica constituiu-se, pois, como uma oportunidade de aprofundar, sistematizar e adquirir novos conhecimentos da minha área específica de formação, dando resposta a uma motivação de realização e atualização profissional e pessoal.

As mudanças que ocorrem no nosso país atualmente e também, em especial as que a educação tem vindo a sofrer, com implicações profundas na estrutura curricular e administrativa, ampliou esta necessidade formativa.

A minha formação como professora do ensino básico, variante Educação Visual e Tecnológica (EVT), adquirida na Escola Superior de Educação do Porto-IPPorto conferiu-me habilitações profissionais para lecionar o 1º ciclo e o 2º ciclo. A minha experiência profissional envolve a lecionação das disciplinas de EVT ao 2º ciclo e, por me encontrar colocada em escolas básicas, também a Educação Visual do 3º ciclo. Estando eu colocada num Quadro de Agrupamento de Escolas considerei ser este curso de Mestrado uma mais-valia para a referida atualização da formação, e para a necessidade de ampliar essa formação relativamente ao 3º ciclo.

A Prática Educativa Supervisionada III, que efetuei na disciplina de Educação Visual no 3º ciclo do Ensino Básico na Escola Básica de Levante da Maia, é referencial para o trabalho de investigação e reflexão que,

necessariamente, também mobiliza a minha prática profissional, assim como os conhecimentos adquiridos em todo o curso de mestrado.

Este Mestrado constituiu-se, assim, como uma oportunidade de refletir, (re)pensar e reorganizar ideias, adquirir novos conhecimentos e, sobretudo, mobilizá-los para a docência.

Tal como afirma Sá-Chaves, (2000), “as reflexões são processos críticos que levam a suscitar processos criativos. Trata-se de procurar conjugar na ação um esforço de saberes e de consciência crítica que permitam uma atitude reflexiva constante e coerente de (re) construção continuada dos próprios saberes, das práticas interventivas e reflexivas dos níveis de consciencialização quanto à interferência do agir individual nos sentidos do agir coletivo”.

3. PERTINÊNCIA DO ESTUDO

“Avaliar é investigar e intervir no processo de aprendizagem para garantir a construção do conhecimento.”

(Luckesi ,2001)

Como professora de Educação Visual e Tecnológica com este estudo /investigação que se materializa neste relatório final de estágio, pretendo refletir a partir da prática educativa a avaliação, de um modo mais específico a avaliação no contexto da Educação Visual e Tecnológica.

Pensar essa especificidade da avaliação no âmbito do processo de ensino-aprendizagem das disciplinas de Educação Artística, mais concretamente de Educação Visual e Tecnológica e Educação Visual, prende-se com a necessidade sentida em refletir e aprofundar conhecimentos com o objetivo de corrigir lacunas. Além de tentar compreender de modo mais aprofundado como realizar a avaliação das aprendizagens, esta investigação tem como grande finalidade tentar contribuir para a melhoria das minhas práticas, considerando a avaliação como parte do processo de ensino-aprendizagem.

A partir da referência a diversos elementos que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem a avaliação surge sempre como um campo mais ou menos problemático onde surgem desconfortos, desentendimentos, dúvidas.

Esses elementos passam pela legislação que rege os princípios da avaliação, pelas opções concetuais e metodológicas, pela organização institucional, os meios de recolha de dados que dispõe o professor e aluno, a comunicação que é feita entre ambos, quer na elaboração do processo quer na operacionalização do mesmo.

4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

4.1. AVALIAÇÃO

Como referido anteriormente a origem etimológica da palavra avaliar vem do latim *a + valere*, que significa atribuir valor e mérito ao objeto em estudo.

Ao consultar um Dicionário da Língua Portuguesa, verifico que o significado do verbo avaliar é: “determinar a valia ou o valor de; apreciar o merecimento de; orçar; computar” (Dicionário de Língua Portuguesa, 1984, p.85).

Na educação o conceito de avaliação não é tão restrito e o seu significado sofreu ao longo dos tempos muitas alterações, pelo que tem sido alvo de debates e discussões, o que vai ao encontro das ideias apresentadas por Alves, (2004), quando afirma que a avaliação “(...) tem vindo, ao longo das épocas a adquirir uma grande variedade de significados de acordo com a evolução da própria sociedade: alterações económicas, sociais, políticas e culturais originaram diferentes conceções de educação e consequentemente diferentes modelos de ensino-aprendizagem e de abordagens de avaliação”.

Segundo Roldão, (2004), a avaliação educacional surge “como uma entidade mal-amada, o mal necessário, uma espécie de mancha negra neste mar azul que poderia ser o ofício de ensinar.” Esta definição de Roldão prende-se com o facto de ao longo dos tempos ter sido atribuída à avaliação inúmeros conceitos e significados. Desde a classificatória, com uma postura tradicional, tendo por base “medir”, segundo uma escala de valores que é concedida ao professor, os conhecimentos adquiridos pelo aluno, até à avaliação por apreciação do processo e do mérito do aluno.

Elliot W. Eisner, no seu livro *Education Artistic Vision*, dedica um capítulo inteiro à avaliação, que constituiu um contributo vital para todo este estudo/investigação e que serve de base para a minha investigação/ação.

Neste capítulo Elliot Eisner, afirma “um dos problemas mais difíceis no campo da educação é determinar como proceder para uma avaliação válida.” Esta afirmação vai de encontro às minhas angústias e preocupações e reitera o que tenho vindo a afirmar. Acrescenta ainda que a avaliação pode erradamente ser entendida por: “basear-se em juízos sobre a qualidade do trabalho dos alunos, ou por uma medição ou por se centrar nos resultados do processo ou por estar estritamente relacionada com exames e provas ou ainda por terminar numa nota ou classificação”.

Como professora com 15 anos de trabalho, vivenciei e senti que pelas escolas por onde já lecionei, entre os docentes, muitas dúvidas em entender e distinguir os conceitos mencionados por Eisner.

Importa, assim, distinguir os termos avaliar, testar e classificar. Eisner, no capítulo que dedica à avaliação, define os 3 termos da seguinte forma: “Avaliar pode ser considerado um processo através do qual são feitos juízos de valor acerca de fenómenos educacionais relevantes. Testar é um processo utilizado para obter dados com a finalidade de obter descrições ou formar juízos de valor sobre um ou mais comportamentos humanos. Classificar é um processo de atribuir um símbolo que represente um juízo de qualidades em relação a um determinado critério”. No entanto, esclarece ainda que “sem nenhuma forma de avaliação, o aluno não pode saber quais os resultados da sua aprendizagem”.

Assim sendo, avaliar e ser avaliado é normal, fazendo parte da vida escolar. Avaliar é, portanto, indispensável em qualquer atividade educativa, isto é, faz parte integrante de qualquer processo educativo. Partindo deste pressuposto, ensinar, aprender e avaliar constituem um todo indissociável.

Na perspetiva de Santos Guerra, (2003), “a avaliação é entendida como um caminho para a aprendizagem. Um caminho que, ao ser percorrido de forma inteligente e responsável, nos ajudará a compreender o que acontece e porquê e nos facilitará a retificação do rumo, o reconhecimento dos erros e a melhoria das práticas.”

De acordo com esta definição e considerando a minha própria ação educativa, compreendi que o conceito de avaliação significa valorizar o que existe e construir a partir daí, ou seja, num contexto de ensino-aprendizagem, avaliar é encontrar com e nos alunos as potencialidades para superar dificuldades e prosseguir um caminho que se deseja de desenvolvimento contínuo das aprendizagens. Concebendo-a como mais um elemento do processo de ensino aprendizagem, a avaliação permite-nos conhecer o resultado das nossas ações didáticas e, por conseguinte, melhorá-las. A avaliação não pode desta forma servir como fim, mas como um meio para atingir as metas definidas. De acordo com Pacheco (1996), citado por Ferreira (2007), “o que se pretende é precisamente elaborar caminhos que representem o processo de avaliação do aluno como uma construção de si mesmo e não como a atribuição de uma classificação, integrada numa escala, equivalendo a uma medida”.

Poderemos afirmar que a avaliação é um ato de comunicação, diálogo, partilha no processo de ensino-aprendizagem, entre professor e aluno. Desta forma, pretendo, melhorar o “meu caminho”, para que os alunos sintam que, antes de chegar a uma classificação final, existe um processo que é percorrido com eles e com a minha ajuda.

Ainda no seu livro *Education Artistic Vision*, no capítulo que Eisner dedica à avaliação, recorre a Stufflebeam expondo um processo que garanta informações que possibilitem ao professor refletir; redefinir e melhorar o processo educativo, considera um modelo que identifica 4 aspetos educacionalmente significativos: Contexto; Input; Processo e Produto, (CIPP).

A caracterização da comunidade, da escola, dos alunos, e outras informações relevantes no campo da educação artística, são aspetos avaliados na área do Contexto. Estas informações são de extrema relevância pois permitem ao professor, logo à partida, (re)pensar as planificações, compreender os recursos humanos e materiais existentes e, em função disso, definir estratégias a adotar. Em função das informações recolhidas, o professor, pode abandonar ideias existentes e iniciar outras.

A avaliação dos Input”, caracteriza-se por uma apreciação, dentro de um determinado contexto, das atividades e estratégias, permitindo traçar novos caminhos que poderão levar os alunos a atingir as metas definidas.

O Processo centra-se na avaliação do decorrer do trabalho, nesta fase do processo de Stufflebeam alerta “para a necessidade de se assegurarem dados com os quais se possam fazer juízos durante a aplicação do programa e não apenas no final. A avaliação durante o processo pode tomar a forma de avaliação da qualidade do trabalho do aluno durante o decorrer do ano escolar, avaliar a sua compreensão das ideias ou processos que estão a ser ensinados ou ainda o seu grau de satisfação em relação ao currículo, (neste caso) de arte. Em qualquer dos casos a avaliação do processo tem por fim assegurar dados evidentes dos efeitos de um programa durante a sua aplicação e ainda enquanto se pode fazer alguma coisa para o melhorar.”

O desenvolvimento do meu trabalho baseia-se essencialmente neste aspeto do modelo de Stufflebeam, na busca durante o processo, da construção de uma variedade de instrumentos no sentido de assegurar uma recolha de dados mais detalhados, dos existentes até ao momento da minha chegada à escola.

O quarto e último aspeto, do modelo de Stufflebeam é a avaliação do produto, que se caracteriza pela “avaliação dos resultados finais de uma unidade de ensino”.

4.2. ENQUADRAMENTO NORMATIVO

A avaliação não é uma tortura medieval. É uma invenção mais tardia, nascida com os colégios por volta do século XVII e tornado indissociável do ensino de massa que conhecemos desde o século XIX, com a escolaridade obrigatória.

(Perrenoud , 2001)

A problemática da avaliação tem sido uma das dimensões mais importantes no contexto das transformações e reformas da educação das últimas décadas em Portugal. Após o 25 de abril de 1974, houve expressivas mudanças no sistema educativo em Portugal.

A partir da Lei de Bases do Sistema Educativo, (LBSE), de 1986 e até aos diferentes documentos e textos legislativos, quer as “propostas” e revisões da estrutura curricular, quer a regulamentação da carreira docente, ou a autonomia das escolas e a avaliação têm sido um aspeto constantemente debatido.

Em 1992, com o Despacho Normativo 98-A/92, a legislação educativa portuguesa define a avaliação como elemento regulador da prática educativa e estabelece claramente que a avaliação formativa, com as funções de melhoria das aprendizagens, deve predominar nas práticas educativas dos docentes. É referida no artigo 18º do Capítulo I como: “A avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico e destina-se a informar o aluno, o seu encarregado de educação, os professores e outros intervenientes sobre a qualidade do processo educativo e de aprendizagem, bem como sobre o estado de cumprimento dos objetivos do currículo.”

Com o Decreto-Lei n.º 6/2001, Novos Currículos do Ensino Básico, a avaliação das aprendizagens e as suas modalidades são focadas com especial relevância.

Nos pontos 1,2,3 e 4 do artigo 13º do Capítulo II, são mencionadas as modalidades de avaliação: avaliação diagnóstica; avaliação formativa e avaliação sumativa.

A avaliação diagnóstica como a modalidade que é realizada “no início de cada ano de escolaridade, devendo articular-se com estratégias de diferenciação pedagógica, de superação de eventuais dificuldades dos alunos, de facilitação da sua integração escolar e de apoio à orientação escolar e vocacional” (ponto 2). Enquanto a avaliação formativa “assume carácter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, adequados à diversidade das aprendizagens e aos contextos

em que ocorrem, tendo como uma das funções principais a regulação do ensino e da aprendizagem” (ponto 3).

A avaliação sumativa “realiza-se no final de cada período letivo, utiliza a informação recolhida no âmbito da avaliação formativa e traduz-se na formulação de um juízo globalizante sobre as aprendizagens realizadas pelos alunos” (ponto 4).

Sem descuidar a avaliação diagnóstica nem sumativa, o meu enfoque será mais na formativa.

O Despacho Normativo nº 1/2005 “que estabelece os princípios e os procedimentos a observar na avaliação das aprendizagens e competências, assim como os seus efeitos” aos alunos dos três ciclos do ensino básico, dos quais se destaca na alínea a);b); c); d) e f do artigo 6º:

- a) Consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas, de acordo com os contextos em que ocorrem;
- b) Utilização de técnicas e instrumentos de avaliação diversificados;
- c) Primazia da avaliação formativa com valorização dos processos de autoavaliação regulada e sua articulação com os momentos de avaliação sumativa;
- d) Valorização da evolução do aluno;
- e) Transparência e rigor do processo de avaliação, nomeadamente através da clarificação e da explicitação dos critérios adotados;
- f) Diversificação dos intervenientes no processo de avaliação.

De referir o ponto 19 e 20 do capítulo II — Processo de avaliação, relativamente à avaliação formativa: “Ponto 19: A avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem”.

“Ponto 20: A avaliação formativa fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho”.

Observa-se, que de acordo com o Despacho Normativo nº 1/2005 na avaliação das aprendizagens há uma primazia pela avaliação formativa. Portanto esta abordagem formativa, parte da avaliação diagnóstica e acompanha o processo de intervenção e reflexão (avaliação formativa), até ao produto final (avaliação sumativa).

Desta forma, percebe-se que a avaliação das aprendizagens assume distintos papéis quanto ao ensino e à aprendizagem dos alunos, considerando necessário que as escolas possam no quadro de desenvolvimento da sua autonomia, tomar decisões sobre o processo de avaliação dos seus alunos.

A autoavaliação é referenciada, neste Despacho Normativo na alínea f) do artigo 10º, como elemento a pertencer ao Processo Individual do Aluno, (P.I.A.) “Uma autoavaliação do aluno, no final de cada ano, (...), de acordo com critérios definidos pelo estabelecimento de ensino.”

No Despacho Normativo nº 6/2010 de 19 de fevereiro, artigo 52º - Efeitos da avaliação formativa é reforçada ainda mais a importância da avaliação formativa, “A avaliação formativa gera medidas de diferenciação pedagógica adequadas às características dos alunos e às aprendizagens e competências a desenvolver.”

O Decreto-Lei nº139/2012 de 5 de julho estabelece os “princípios orientadores da organização e da gestão dos currículos dos ensinos básicos e secundários” e é à luz deste normativo que as escolas se regem atualmente, no qual consta respetivamente no ponto 1 e 4 do artigo 23º da secção do Capítulo III que: “A avaliação constitui um processo regulador do ensino, orientador do percurso escolar e certificador dos conhecimentos adquiridos e capacidades desenvolvidas pelo aluno.” É afirmado também que: “A avaliação tem ainda por objetivo conhecer o estado do ensino, retificar procedimentos e reajustar o ensino das diversas disciplinas aos objetivos curriculares

fixados.” Sendo a avaliação constante e contínua, é fundamental o aluno ter um papel ativo neste sistema. Através de momentos de avaliação/autoavaliação o aluno percebe os progressos que realiza, a correção dos erros, a clarificação dos objetivos a atingir e decide sobre a forma de agir.

No entanto, devo referir que se verifica nos últimos anos uma maior valorização da avaliação sumativa, nomeadamente a externa, nomeadamente das escolas e alunos. No caso dos alunos, com as Provas de 4º e 6º ano de Língua Portuguesa e Matemática que passaram de aferidas a ter um peso percentual na classificação final das respetivas disciplinas, artigo 10º do Despacho Normativo nº24-A/2012 de 6 de dezembro. Mais recentemente com a implementação de mais um exame no 9º ano, de Inglês, para além dos já existentes de Língua Portuguesa e Matemática.

4.3.A AVALIAÇÃO NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

“Um dos mitos da educação artística, e ao mesmo tempo um dos motivos da sua pouca consideração na escola é que muitos professores acham que não há necessidade de avaliá-la.”

(Hernández, 2003) citando uma professora Brasileira num curso de formação em Porto Alegre

Desde o séc. XIX que a Educação Artística, por considerar ser o melhor modelo a adotar, procurava a sua inspiração no mundo real, baseando-se essencialmente na capacidade de representação mimética do real.

Reflexões na educação artística com grande influência no campo da psicologia favorecem uma atitude de expressar sentimentos e subjetividades. Por conseguinte concluiu-se que não havia modelo certo nem errado.

O expressionismo trouxe consigo várias questões nomeadamente no que concerne à avaliação deixando-a numa situação sem saída. Hernández, (2003), afirma que “por um lado, se se avaliava o que normalmente é o livre exercício de criatividade do aluno incidia-se no oposto do pretendido: em vez de o deixar expressar-se privavam-nos, pois não lhes era dada a possibilidade de, sem restrições, mostrar o seu mundo interior. Eram, desta forma, obrigados a adequar-se aos critérios de avaliação. Por outro lado se se avaliava os alunos pelas suas experiências pessoais, pela sua imaginação, em vez de serem espontâneos acabavam por fazer representações estereotipadas. A solução a este falso dilema foi drástica, como em boa medida denuncia Eisner, (1995), “tudo o que o aluno faça está bem e deve ser considerado como positivo, pelo facto de que assim mostra o seu mundo interior e as suas experiências pessoais.”

Coloca-se então a questão: o que avaliar na educação artística? E como?

Eisner, ainda no seu livro *Education Artistic Vision*, no capítulo dedicado à avaliação, distingue, no campo da produção 3 aspetos suscetíveis de serem avaliados: a adequação técnica; os aspetos estéticos e expressivos e a imaginação criativa.

A avaliação da adequação/habilidade técnica incide na capacidade do aluno em aproveitar as características do material que está a utilizar no seu trabalho. Neste aspeto o professor vai aferindo a capacidade crescente do domínio do material em questão, por parte do aluno.

Como o aluno toma em consideração a organização dos elementos formais no seu trabalho, como funcionam esses elementos em relação uns aos outros, são aspetos estéticos e expressivos a ter em conta. Como funcionam as formas existentes no trabalho em relação às outras, qual o carácter expressivo que o trabalho apresenta, são questões do aspeto formal do trabalho a debater e apreciar entre professor e aluno. Assim, em conjunto, à medida que o trabalho avança, vão analisando e discutindo estes aspetos durante o desenvolvimento do mesmo.

Até que ponto foi aplicada no trabalho a imaginação e a criatividade é o último aspeto suscetível de ser avaliado. Segundo Eisner, o comportamento criativo em arte pode ser diferenciado em 4 tipos: Distender Limites (*Boundary Pushing*); Inventar; Romper Limites (*Boundary Breaking*) e a Organização Estética. Com isto Eisner pretende avaliar diferentes formas de criatividade quando estas estão presentes no trabalho dos alunos.

Boundary pushing, como o próprio nome indica, é a capacidade do aluno distender limites, indo para além daquilo que lhe é pedido ou dado, como por exemplo dar uma função diferente a um objeto, (uma borracha pode ter a função de carimbo).

Inventar é o processo de utilizar o conhecido para criar um objeto basicamente novo.

Boundary breaking é definido por Eisner, no capítulo do seu livro, como “rejeição ou reverso de ideias aceites. É um tipo de comportamento que se situa dentro do domínio cognitivo, talvez ao nível mais elevado”. Um bom exemplo disso é a rejeição de Copérnico à teoria de que a terra era o centro do universo. As suas reflexões em que a terra é que se move à volta do sol e não vice-versa, levam-no a fortalecer uma teoria sobre o sistema astronómico. Esta rejeição dos conhecimentos, disponíveis na época, que eram limitados, abriu caminho para uma grande contribuição para o Homem entender o Universo.

Organização Estética é caracterizada, no seu livro, por Eisner pela “presença de elevado grau de coesão e harmonia nos objectos. O aluno que demonstra este tipo de criatividade confere ordem e unidade às coisas; a sua preocupação principal está na organização estética das componentes qualitativas. As decisões que toma na colocação dos elementos são feitas através daquilo a que chamamos a criatividade qualitativa.”

Ao indicar quer os aspetos sobre os quais a avaliação da educação artística pode incidir como ao diferenciar os quatro tipos de comportamento criativo, Eisner, pretende facultar quer ao professor quer ao aluno “uma base

conceitual, de forma a alargar a perceção do trabalho em formação ou já acabado”.

Uma vez respondida à questão do que se pode avaliar na educação artística, proponho-me, mais à frente, nas opções metodológicas, enumerar métodos para a recolha de dados.

5. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

5.1. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

O objetivo deste estudo prende-se com a necessidade de tentar encontrar respostas às minhas preocupações sobre modelos avaliativos mais especificamente em Educação Visual e Tecnológica e Educação Visual.

A avaliação/autoavaliação é motivo de interesse e preocupação para mim pois, no meu dia-a-dia como professora muitas foram as vezes que me questionei se a metodologia, os instrumentos por mim utilizados seriam a melhor forma de avaliar os alunos e o seu desempenho, se uma autoavaliação realizada pelos alunos no final de cada período, se seria suficiente para a perceção das suas aprendizagens/dificuldades. A avaliação e como avaliar em Educação Artística, que instrumentos utilizar, como posso melhorar o processo avaliativo, as minhas práticas e o sucesso dos alunos, surgem como questões a merecerem resposta. Estas questões partem do questionamento e reflexão sobre as minhas práticas e têm por objetivo aprofundar o conhecimento no sentido de as redimensionar. Neste contexto, a problemática em estudo, considera a minha experiência de 15 anos de trabalho e a experiência adquirida na Prática Educativa Supervisionada III.

5.2. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

A Prática Educativa Supervisionada, no 3º ciclo, foi realizada na Escola Básica de Levante da Maia. Esta escola é sede e uma de nove escolas que integram o Agrupamento de Escolas do Levante da Maia, na Maia, com

estabelecimentos de ensino situados nas freguesias de Folgosa, Milheirós, Nogueira, Silva Escura e São Pedro de Fins. Este é constituído por oito escolas do 1º ciclo e uma do 2º ciclo, situada na freguesia de Nogueira.

No Projeto Educativo da Escola Básica do Levante da Maia (PEE, 2010), são definidas como prioridades:

- 1º Promover o sucesso escolar;
- 2º Desenvolver atitudes e comportamentos adequados;
- 3º Melhorar a articulação entre os diferentes órgãos, estruturas e níveis/ciclos de educação e ensino, bem como a coesão organizacional e pedagógica entre as diversas escolas do Agrupamento;
- 4º Aprofundar a ligação entre o Agrupamento e a comunidade envolvente;
- 5º Reforçar práticas de monitorização e autoavaliação das diferentes estruturas e serviços.

Projeto Educativo do Agrupamento p.15

Na escola funcionam 4 clubes: Clube Europeu, Clube de Música, Clube de Proteção Civil e Clube de Expressões. Relativamente ao Clube de Expressões e, ao longo do 3º Período, alunos e professores que o integravam, desenvolveram um projeto para participar com uma canastra de flores nas Festas da Nossa Senhora da Hora, em Nogueira da Maia a 27 de maio.

O edifício escolar está equipado em todas as salas com, pelo menos um computador, quadro interativo e acesso à internet. O uso da plataforma Moodle da Escola e a página do Agrupamento garantem aos alunos /pais e encarregados de educação acesso a todas as informações.

Para estudo e pesquisa, os alunos têm ainda um Centro de Recursos aberto ininterruptamente das 8.30h às 18.30h. Na sala de convívio, (sala do aluno), os mesmos podem interagir e trabalhar.

A escola possui boas acessibilidades, com um grande parque de estacionamento. A empresa Maia Transportes garante o transporte da grande

maioria de alunos desta escola. Existe uma paragem de autocarros mesmo em frente ao portão da escola.

Relativamente à sala onde a turma tinha aula de Educação Visual, é uma sala com bastante luz natural, com 32 estiradores, distribuídos por 6 filas que, por se encontrarem demasiado próximas, dificultavam um pouco a circulação por parte do professor na sala.



Figura 1: Sala de aula da turma.

A sala tem ainda dois placards em cortiça para afixar trabalhos, cartazes etc..., um ao lado do quadro e outro junto da porta da arrecadação. Para além disto está equipada com um quadro de ardósia, um videoprojector, duas bancas de inox e 6 armários, onde os alunos guardam as suas capas e trabalhos.

5.3. CARACTERIZAÇÃO DOS INTERVENIENTES

A terminologia do Projeto Curricular de turma, (P.C.T.), é ainda utilizada na escola. Uma vez que este se encontrava desatualizado, foi com base nas minhas observações e em parte com base no testemunho do professor cooperante que elaborei a caracterização desta turma.

Recolhi, também, a informação disponível, da lista de relação da turma e da pauta do 2ºP.

Inicialmente, a turma era constituída por 31 alunos, foram transferidos 3. Assim, a turma ficou com 28 alunos, dos quais 18 são do sexo masculino e 10 do feminino. Uma das alunas de etnia cigana casou-se e abandonou a escola logo no início do 2ºPeríodo.

As idades dos alunos estão compreendidas entre ao 11 e os 14 anos. A média de idades é de 12,3. Dois alunos repetem, pela segunda vez o 7º mas, existem mais 3 que tiveram uma retenção ao longo dos dois ciclos.

Existe uma aluna ao abrigo do decreto-lei 3/2008 de 8 de janeiro, no entanto não possuo mais informações pois não tive acesso ao Programa Educativo Individual, (P.E.I.), da mesma.

A morada da grande maioria dos alunos, (18), pertence à freguesia de Nogueira da Maia.

De acordo com a pauta de 2ºP pude verificar que esta apresenta mais de cinquenta por cento de níveis inferiores a três à disciplina de matemática, (63%) e um elevado número de níveis negativos às várias disciplinas, nomeadamente à disciplina de Educação Visual (40,7%). Dezasseis alunos apresentam três ou mais níveis inferiores a 3.

5.4. OPÇÕES METODOLÓGICAS

“Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outros sim,

formuladas com o objetivo de investigar os fenómenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.”

(Bogdan e Biklen,1994)

Para Bogdan e Biklen (1994), “o facto de se pretender recolher dados no ambiente natural em que as ações ocorrem, descrever as situações vividas pelos participantes e interpretar os significados que estes lhes atribuem, justifica a realização de uma abordagem qualitativa.” Desta forma a sala de aula pode ser um ambiente a partir do qual professor e alunos podem fazer os seus registos. Ao utilizar esta metodologia neste estudo, aquilo que, pretendo é refletir na forma e na dinâmica da intervenção educativa que realizo no dia-a-dia na sala de aula.

O contributo desta metodologia é necessário para uma reflexão e análise sobre a prática educativa com o objetivo de a transformar e a melhorar.

Assim sendo, a metodologia utilizada foi a qualitativa, na qual se utilizaram: análise de dados documentais; observação participante; anotações no meu diário; portefólio; autoavaliações diárias e autoavaliações no final de cada unidade de trabalho; trabalhos realizados pelos alunos.

5.4.1. Análise de dados documentais

Relativamente à análise de dados documentais, analisei um conjunto de documentos (Projeto Curricular da turma, (terminologia como referido, ainda utilizada pela escola); Atas; pautas; Regulamento Interno; Projeto Educativo; Projeto Curricular do Agrupamento; Plano Anual de Atividades; fichas biográficas dos alunos). Segundo Bell (1993), “a maioria dos projetos de ciências da educação exigem a análise documental. De acordo com a mesma autora, antes de se iniciar a procura de dados documentais será útil clarificar

que tipo de documentos utilizar, uma vez que a pesquisa pode implicar a análise de filmes, vídeos, slides ou outros tipos de fontes não escritas, podendo todas elas ser designadas por documentos”. Porém, segundo Bell, “os tipos mais comuns de documentos numa pesquisa em ciências da educação são as fontes escritas ou impressas.”

Para Bell (1993) citando Cohen & Manion, 1994, a “natureza dos dados documentais podem dividir-se em fontes primárias e fontes secundárias. As fontes primárias são aquelas que surgem durante o período de investigação, como por exemplo manuscritos, leis, atas de reuniões, memorandos, biografias, filmes, pinturas entre outros. As fontes secundárias são as interpretações dos acontecimentos do período em estudo, baseadas nas fontes primárias, como por exemplo, a história da escola comprovada pelas atas do conselho pedagógico.”

5.4.2. Observação

De acordo com Hopkins (1993), a observação em educação desempenha um papel importante, não só na recolha da informação na sala de aula, como também no desenvolvimento profissional do professor.

Uma definição de observação apresentada por Carmo e Ferreira, (2008), diz que “observar é seleccionar informação pertinente, através dos órgãos sensoriais e com recurso à teoria e à metodologia científica, a fim de poder descrever, interpretar e agir sobre a realidade em questão.”

Como afirma Afonso (2005, p.91), a observação é uma técnica de recolha de dados útil e fidedigna, “na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista dos sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários”.

A minha observação foi direta e participante, não me resumi apenas ao observar e escutar, fui uma agente participativa na sala de aula, o que se

revelou eficaz na recolha de informações para a minha avaliação, podendo assim intervir durante o processo e fazer os ajustes necessários. Num diário fazia, no decurso ou depois das aulas, registos das observações que considerava relevantes.

Neste âmbito a observação é usada, também, para conhecer o aluno no contexto da sala de aula, quer através da sua atitude, postura, participação, trabalho realizado.

O contacto diário com os alunos favorece a utilização deste instrumento, que se ajusta mais ao contexto sala de aula e ao processo ensino-aprendizagem, pois no ambiente quotidiano de sala de aula, os alunos agem de forma espontânea. Este método de recolha de dados apresenta algumas vantagens como a facilidade de acesso a informações sobre situações de aula e outras do domínio privado.

Segundo Eisner (1972),” a observação de aulas é apenas uma das formas importantes de recolha de dados.”

5.4.3. Diários

Segundo Bell (1993), os diários são “uma forma atraente de recolher informação, estes podem facultar informação valiosa sobre modelos de trabalho ou atividades.”

De acordo com Lüdke e André (1986), como método de recolha de dados, tem como vantagens o facto de permitir chegar mais perto da “perspetiva dos sujeitos” e facultar uma experiência direta que melhor se adapta à verificação das ocorrências. A observação direta e participante auxilia o professor a identificar e obter provas acerca de aspetos face aos quais os alunos não têm por vezes consciência.

O diário é um instrumento de recolha de dados, utilizado na investigação em educação, principalmente na investigação qualitativa, como uma diretriz de reflexão e análise sobre as práticas dos professores.

Como professora/investigadora, utilizei um diário com o objetivo de registar as informações que considerei relevantes. Pelo facto da turma ter 28 alunos e me solicitarem constantemente não registei tantas informações como ambicionava.

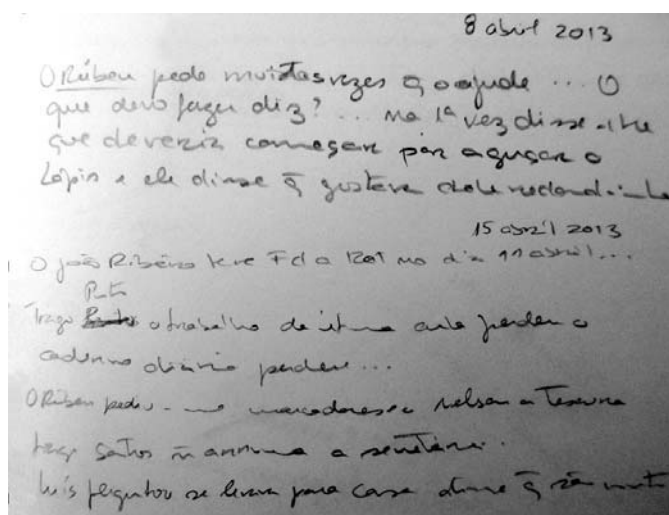


Figura 2: Excerto de uma página do meu diário.

O diário do professor/investigador é considerado um instrumento adequado à apresentação de dados recolhidos na observação de aulas.

5.4.4. Portefólios

Segundo Hernández, (2003 p.208), “um portefólio não significa apenas seleccionar, organizar evidências de aprendizagem e colocá-las num formato para serem mostradas.” O autor “define portefólio como sendo um recipiente de diferentes classes de documentos (notas pessoais, experiências de aula,

trabalhos pontuais, controle de aprendizagem, representações visuais, etc.) que proporciona evidências do conhecimento que foi construído, das estratégias utilizadas para aprender e a disposição de continuar a aprender por parte de quem o faz.”

Os portfólios podem facilmente tornar-se meras pastas com trabalhos dos alunos. No entanto, se bem utilizados, os portfólios podem influenciar positivamente as formas como se ensina, se aprende e se avalia.

O portfólio, como conjunto de trabalhos realizados dentro e fora da sala de aula, pesquisas, notas pessoais, avaliações,(auto e hetero), juntamente com outros documentos que o aluno e professor considerem importantes, permite ao aluno ter um espaço em que as aprendizagens se vão construindo, em que reflete pensa e se valorizam as experiências, opiniões e conhecimentos. Foi com base nesta premissa que sempre realizei portfólios com os meus alunos.

O portfólio é uma ferramenta importante para o professor e aluno. Como instrumento de avaliação, ao professor, permite não só avaliar mas também refletir e reformular, se necessário, as suas estratégias, metodologias, em suma as suas práticas e onde o aluno pode refletir e reconstruir o seu processo de aprendizagem, tomando consciência do mesmo.

Deste modo, considera-se o portfólio como uma estratégia conjunta de reflexão e de ação-avaliação em proveito do processo de ensino-aprendizagem. Este apresenta inúmeras vantagens em comparação com outras técnicas de avaliação, dado que, permite uma avaliação de todo o processo de desenvolvimento e aquisição de competências por parte do aluno.

Segundo Hernández, (2003 p.215), citando Collins, (1991), ”distingue quatro tipos de evidências que podem fazer parte de um portfólio que denomina de artefactos; reproduções; testemunhos e produções:”

Entende-se por:

1. Artefactos entre outras coisas, como os trabalhos produzidos no decurso das aulas assim como os realizados por iniciativa própria ou por sugestão do professor.
2. Reproduções são por exemplo, as notas de uma visita a uma exposição; a impressão de uma página da internet com informação relevante.
3. Testemunhos são comentários realizados ao trabalho do aluno.
4. As produções são documentos especificamente preparados para dar forma e sentido ao portefólio, como são as reflexões; explicação de metas e cabeçalhos ou títulos.

Na minha prática lectiva, estas evidências são seleccionadas num processo de partilha entre professora e alunos, onde ambos constroem o portefólio num processo de colaboração, que documenta as aprendizagens adquiridas. O aluno participa no processo de construção do seu portefólio de diferentes formas, partilhando com a professora a escolha das estratégias utilizadas na sua organização, seleccionando evidências de trabalhos desenvolvidos na aula, ou outros que considere relevantes e refletindo sobre a sua autoavaliação.

O portefólio é utilizado na minha prática educativa como instrumento de avaliação. Trata-se de uma construção pessoal, que ganha forma através de uma selecção criteriosa e organizada dos elementos a introduzir no mesmo. A configuração que cada aluno dá ao seu portfolio, torna-o num trabalho pessoal que reflecte as experiências vivenciadas ao longo do ano letivo.

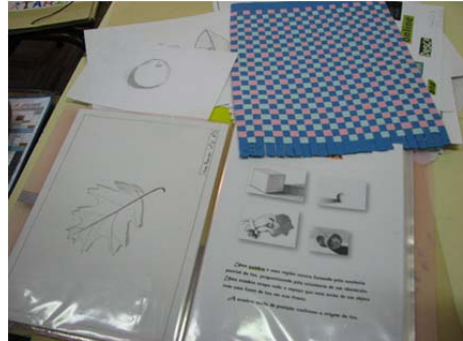


Figura 3: Exemplos de portfólios construídos na minha prática letiva.

6. DESENVOLVIMENTO

A minha Prática Pedagógica Supervisionada III começou por dois tempos de observação, no final do 2º período. Coincidindo com o momento em que o professor cooperante fez a avaliação dos trabalhos realizados ao longo do período.

Durante o tempo de observação, 2 tempos lectivos no 2º Período e mais 4 no 3º Período, constatei que os alunos não tinham por hábito partilhar; dialogar; refletir; autoavaliar os seus trabalhos, nem fazer qualquer tipo de registo avaliativo.

Rodrigues (1985, p.94) sugere repensar o conceito de ensinar e de avaliar quando afirma que “o próprio conceito de avaliação escolar tem de ser repensado, pois, a metodologia tradicional assume uma postura de que ensinar é apenas um ato de passagem de conhecimentos transformando a avaliação em quantificação de conteúdos aprendidos.”

Tendo em conta o objetivo traçado para este estudo e face à minha observação tornou-se pertinente, (re) pensar o processo avaliativo nesta turma. A avaliação /autoavaliação implica que os alunos devam ser informados sobre a evolução da sua aprendizagem. A consciência da importância do processo auto avaliativo pelo aluno é fundamental para que este perceba as suas capacidades e/ou dificuldades, bem como dos conhecimentos que adquiriu.

Conforme corrobora o normativo em vigor, no artigo 24º do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho:

A avaliação formativa assume carácter contínuo e sistemático, recorre a uma variedade de instrumentos de recolha de informação adequados à diversidade da aprendizagem e às circunstâncias em que ocorrem, permitindo ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e a outras pessoas ou

entidades legalmente autorizadas obter informação sobre o desenvolvimento da aprendizagem, com vista ao ajustamento de processos e estratégias.

Tornou-se assim, necessário reformular, criar e implementar instrumentos de avaliação/ autoavaliação na minha Prática Pedagógica Supervisionada III.

Tendo como referencial o paradigma da avaliação formativa utilizei vários métodos de recolha de dados e instrumentos para avaliar as diferentes competências dos alunos, nomeadamente através da análise dos dados documentais, observação, anotações no meu diário, portefólio, autoavaliações diárias, autoavaliações no final de cada unidade de trabalho e trabalhos realizados pelos alunos.

Relativamente à planificação já existente para o 3º Período, foi reformulada e acrescentada uma tabela de apoio à avaliação, à luz da legislação em vigor, (integrada nos anexos 1 e 2), foi utilizada a mesma estratégia para a planificação aula a aula, (integradas anexos 3, 4 e 5), no sentido de contribuir para uma melhor aferição por parte dos dois professores. Por conseguinte, na elaboração das planificações das unidades de trabalho, quer nos planos de aula tentei fazer a “ponte” entre os critérios de avaliação definidos em conselho pedagógico da escola e os Domínios de Referência/Objetivos Gerais mencionados nas metas curriculares.

As metas que se reconhecem como fundamentais ao desenvolvimento da ação educativa nos 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico, e que facultam vivências de diferentes universos visuais, estruturam-se em quatro domínios que se conjugam para o desenvolvimento de conhecimentos no contexto da Técnica, da Representação, do Discurso e do Projeto.

Metas Curriculares de Educação Visual do 2º e 3º ciclos

Perrenoud, (2001), defende uma avaliação formativa, “no sentido de regular e melhorar o ensino e a aprendizagem.” Possibilitar a regulamentação da autoavaliação e avaliação permite que os professores tornem a

aprendizagem mais transparente e comunicativa, além de proporcionar o acompanhamento do progresso do aluno. No decurso deste processo utilizei diferentes estratégias, como o diálogo e a implementação de registos de autoavaliação diária para os alunos, no sentido de promover a importância da reflexão e consciencialização do seu próprio trabalho.

Segundo Hernández, (2003 p.189), “a avaliação formativa implica para o professor uma tarefa de ajuste constante entre o processo educativo e a aprendizagem, para se ir adequando a avaliação do aluno e estabelecer novas formas de atuação em relação às evidências recolhidas sobre a aprendizagem realizada”.

Tendo por base o modelo de avaliação de Stufflebeam, CIPP, já referido anteriormente, forneci a cada aluno uma folha de autoavaliação diária, (anexo 6), para que cada um pudesse registar aquilo que considerasse necessário e pertinente como: observações em relação ao trabalho desenvolvido na aula, escrever sobre o que fez, o que sentiu, se achou o trabalho aborrecido ou interessante, se estava a ser fácil/difícil, se é algo novo ou não. Resumindo, tudo aquilo que considerasse importante referir sobre o projeto que estava a desenvolver.

De seguida podem ler-se alguns excertos destes registos diários.

Esta folha permite-te anotares observações em relação ao trabalho desenvolvido em cada aula. Podes escrever sobre o que fizeste, o que sentiste, se achaste o trabalho aborrecido ou interessante, se está a ser fácil/difícil, se estás aprender muito ou pouco, se é algo novo ou não. Resumindo, tudo aquilo que considerares importante referir sobre o projeto que estás a desenvolver.	
8 abril 2013	Eu gostei desta aula, apesar do trabalho estar a ser um pouquinho difícil, acho o trabalho interessante e estou a gostar de o fazer.

Figura 4: Excerto do registo diário de um aluno da turma (8/4/2013).

22 abril 2013	Acho que a aula foi muito teórica.
---------------------	------------------------------------

Figura 5: Excerto do registo diário de um aluno da turma (22/4/2013).

29 abril 2013	A aula foi ruim porque não trouxe o material necessário.
---------------------	--

Figura 6: Excerto do registo diário de um aluno da turma (29/4/2013).

6 maio 2013	Achei interessante a aula, estamos a trabalhar com as embalagens. A minha está um bocadinho atrasada... !!!
-------------------	---

Figura 7: Excerto do registo diário de um aluno da turma (6/5/2013).

13 maio 2013	Hoje falámos de ilustração e como vamos ilustrar a nossa história. Acho que não é dos melhores trabalhos que já fizemos.
--------------------	---

Figura 8: Excerto do registo diário de um aluno da turma (13/5/2013).

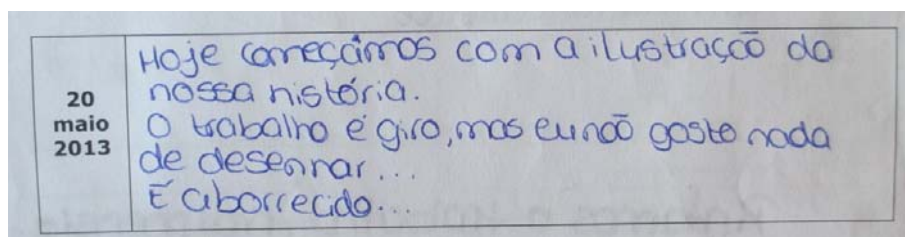


Figura 9: Excerto do registo diário de um aluno da turma (20/5/2013).

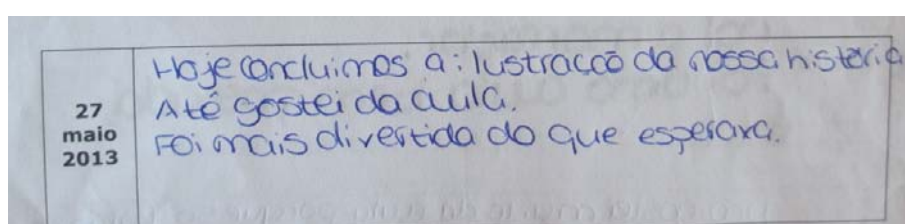


Figura 10: Excerto do registo diário de um aluno da turma (27/5/2013).

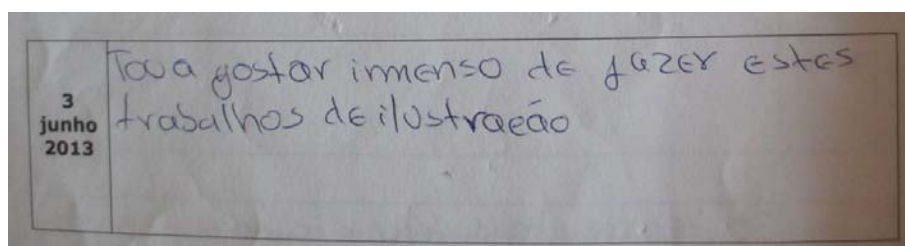


Figura 11: Excerto do registo diário de um aluno da turma (3/6/2013).

Devido a várias condicionantes, como a durabilidade da Prática Pedagógica Supervisionada III, o facto do professor cooperante ter adotado desde o início do ano uma capa A3 onde colocava o material da disciplina bem como os trabalhos realizados e as pesquisas de cada aluno. Esta opção foi a mais próxima que consegui do conceito de portefólio já definido anteriormente.

Há que ressaltar porém que Hernández, (2003 p.208), defende que “o que caracteriza o portefólio como modalidade de avaliação não é tanto o seu formato físico (capa, caixa, Cd-rom, etc.) mas a conceção do ensino e aprendizagem que está mediando. O que em última análise o particulariza é o processo constante de reflexão, de contraste entre as finalidades educativas e

as atividades da sua realização, a forma que cada aluno tem de explicar o seu próprio processo de aprendizagem(...).”

“Avaliar um portfólio, é avaliar por regra o valor educativo.”

(Hernández, 2003 p.218)

No final de cada aula recolhia alguns dos registos diários elaborados pelos alunos, como dado de avaliação que são, para analisar, reflectir e reformular as minhas práticas, como se pode ler na grelha de reflexão sobre o trabalho programado realizado existente nos anexos 3, 4 e 5.

A avaliação é a reflexão transformada em ação. Ação, essa que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexões permanentes do educador sobre sua realidade, e acompanhamento passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção.

(Hoffmann, 2003)

Ao implementar a autoavaliação como um processo e não como um fim pretendi potenciar a responsabilidade, promover a autonomia e ajudar à consciencialização das capacidades/dificuldades na aprendizagem de cada aluno. Para que, professora e alunos pudessem refletir nas suas ações, planificações e alcançar a aprendizagem pretendida.

No processo de avaliação, o professor também se deve autoavaliar e refletir sobre o seu próprio trabalho, verificando seus procedimentos e, quando necessário, reestruturar a sua prática, conforme Melchior, (1994 p. 122):

“A autoavaliação do aluno deve servir como mais um subsídio para a autoavaliação do professor. Também o professor deve comparar a sua perceção sobre si mesmo com a perceção que os outros têm dele. Ele pode

pensar que está sendo muito claro em suas explicações. Mas o aluno é quem deve dizer se está entendendo ou não. Este confronto é necessário, inclusive para se constatar se os critérios considerados por ambos são os mesmos”.

No final de cada uma das duas unidades de trabalho desenvolvidas, a primeira, “À descoberta de uma embalagem” e a segunda “ Ilustração”, cada aluno realizou uma autoavaliação, (anexos 8 e 9).

Hoffmann, (2002 p. 78), relativamente ao processo de autoavaliação salienta que “só tem significado enquanto a reflexão do educando, tomada de consciência individual sobre suas aprendizagens e condutas cotidianas, de forma natural e espontânea como aspeto intrínseco ao seu desenvolvimento, e para ampliar o âmbito de suas possibilidades iniciais, favorecendo a sua superação em termos intelectuais.”

A aplicação da autoavaliação no final das unidades de trabalho foi para mim como professora /investigadora, mais um método de recolha de dados fundamental para este processo. Corroborando a afirmação anterior de Hoffman. A ficha de autoavaliação realizada por cada aluno permitiu-me compreender o processo pelo que o aluno passou, o seu grau de satisfação e assegurar dados dos efeitos das estratégias e metodologias utilizadas, para melhorar a minha acção e proporcionou ao aluno superar também a sua.

Eisner, (1972), afirma que “para o professor de arte poderá ter a forma de uma simples folha de observações onde o aluno vai anotando aquilo que sente em relação ao seu trabalho realizado (...) Se tais folhas forem preenchidas pelo aluno sempre que termine um projeto e guardadas numa pasta, tanto ele como o professor terão material interessante e útil para a avaliação do progresso do aluno.”

De seguida, podem ler-se alguns excertos destas autoavaliações de final das unidades de trabalho.

Eu utilizei uma caixa de sopapos para a transformar na minha caixa de CD's. Decorei a caixa com a cor laranja e vermelho e golfinhos porque gosto de golfinhos. A minha ~~estratégia~~ estratégia de trabalho foi pensar no que gostava, o erro que cometi foi errar nas cores. Neste trabalho não senti muitas dificuldades, e achei um trabalho interessante pois decorei à minha maneira.

Para desenvolver a minha embalagem segui alguns passos:

- 1º - Pensei para que iria servir a minha embalagem e logo percebi o tamanho dela.
- 2º - Arranjei os materiais necessários e logo comecei a construí-la.

Quando acabei fiquei contente com o resultado que obtive, por isso é que gostei deste trabalho. Aconselhava a todos tentarem fazer uma também dá muito jeito para arrumações, cartas, etc.

Adorei fazer este trabalho.

Eu aprendi que os embalagens servem para guardar coisas e servem para muito mais. Eu escolhi este tipo de embalagem porque preciso de ter uma embalagem grande porque é para os meus jogos e como não tenho muito espaço para eles. Eu adorei a minha embalagem com os meus jogadores favoritos com os meus personagens de EVOO, alguns e nada diferente.

Eu não tive nenhum problema no desenvolvimento do trabalho. ~~Não~~

No primeiro foi muito fácil e muito interessante.

Eu gostei de fazer uma embalagem, a minha embalagem vai servir para guardar um jogo que eu gosto muito, porque ~~eu~~ agora não tenho nada para o guardar.

A minha embalagem foi forada com cartolina vermelha, na parte de cima da caixa tem o simbolo do jogo. e a volta tem umas circulo de cor azul e na fem furei a caixa com papel autoculante transparente.

Eu com este trabalho aprendi que a embalagem serve para guardar e reciclar. ~~Eu~~ Eu também escolhi este tipo de embalagem porque é uma coisa que eu gosto e que quero para mim a utilidade que lhe vou dar vai ser para eu por a minha maquiagem porque tenho muita.

Eu decorei a minha embalagem com imagens de jogos e utilizei cartolina e papel autoculante, eu não de seni uma este tégie para a realização do meu trabalho.

Eu cometi um erro no meu trabalho foi por bastante colar e se pode-se fazer algo de diferente ~~que~~ ^{que} meta menos colar, ~~eu~~ ^{eu} senti dificuldade durante o desenvolvimento desta unidade de trabalho, senti que posso ter algo que goste.

Figura 12: Excertos das fichas de autoavaliação da 1ª Unidade de Trabalho: "À descoberta de uma embalagem".

Aprendi que a vida de escritor é muito difícil mas
vinto parece muito fácil. A minha estratégia foi desenhar uma
parte de um livro e outras escritas.

Sim, a por o título. Devemos melhor;

Não.
As da entre trabalhos como gosto por mim.

Entrego esta folha para a melhor professora do mundo!!

Com este trabalho aprendi uma nova técnica de traba-
lho, aprendi que para ser uma boa ilustrador basta
ter uma boa imaginação. Neste trabalho usei a estratégia
imaginação.

Não cometi nenhum erro, e não fazia nada de diferente
se senti dificuldades? sinto sempre em todos os
trabalhos, só que mais mais e muitas vezes.

Achei interessante, como acho todos os trabalhos,
todos têm o seu interesse, todos têm a sua ideia.

Acrescento ainda que este trabalho me ajudou
a desenvolver melhor a minha técnica de desenho e
a minha técnica de ~~colorir~~ colorir.

Regrato, gostei muito deste trabalho, apesar de não
mostrar.



Nesta unidade de trabalho aprendi que ilustrar
não é assim tão difícil, e até se pode tornar di-
vertido apesar de eu não saber desenhar...

Senti um pouco de dificuldade a fazer a ilustra-
ção, pois a minha história não era de ilustra-
ção fácil.

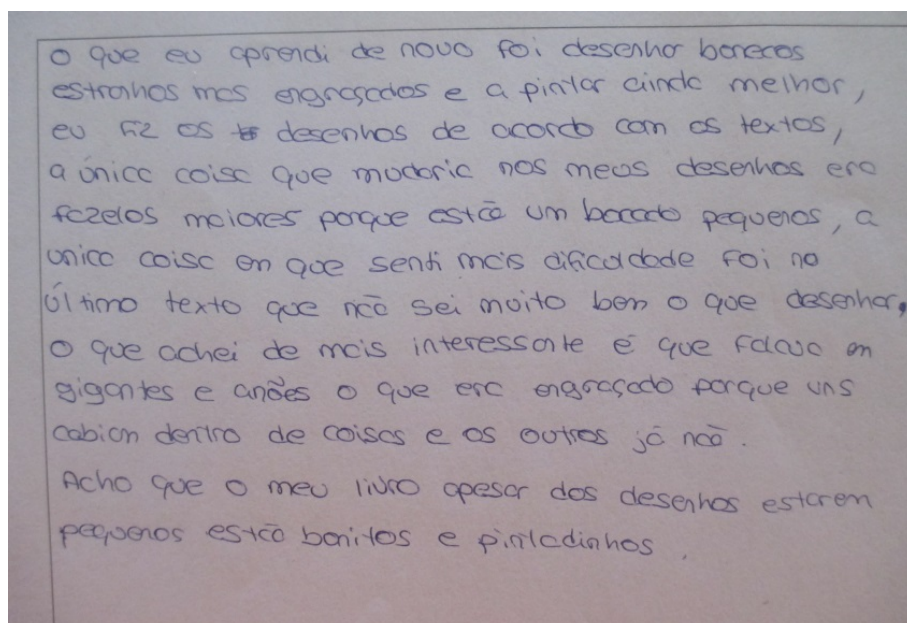


Figura 13: Excertos das fichas de autoavaliação da 2ª Unidade de Trabalho: “
Ilustração”

“Autoavaliar-se é o ato de julgar seu próprio desempenho nas atividades propostas. É a análise do esforço despendido em relação ao que foi solicitado”

(Melchior, 1994, p.122)

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A avaliação é a peça central da modernidade escolar”.

(Nóvoa, 2005, p. 11)

Aquando da minha chegada à Escola Básica de Levante da Maia e à turma, constatei, como já referi anteriormente, que os alunos não tinham por hábito fazer qualquer tipo de registo autoavaliativo. Por conseguinte, foi com alguma dificuldade que implementei esta prática, devido em parte, ao escasso número de aulas da prática supervisionada III e ao elevado número de alunos,(27), na turma e ao facto de não terem esse hábito intrínseco. A minha intenção pedagógica de envolver os alunos em processos autoavaliativos ficou um pouco aquém das minhas expectativas, pelos factos apresentados anteriormente, apesar de no decurso deste processo ter orientado os alunos no sentido de fomentar hábitos de autoavaliação, utilizando diversas estratégias, como o diálogo e a implementação de registos de autoavaliação diária com o fito de lhes tentar incutir a importância da reflexão e consciencialização do seu próprio trabalho.

Através das reflexões que fizeram, mas também da forma como encararam o preenchimento, do registo de autoavaliação diário constatei que os alunos tinham pouca consciência da importância atribuída à autoavaliação, e não se apercebiam do feedback que a mesma lhes podia proporcionar. À medida que o tempo passava iam-se consciencializando mais dessa importância e do que poderiam aprender com reflexões diárias, no entanto, devo admitir que o escasso número de aulas foi um fator preponderante nesta aprendizagem.

A reflexão e a autoavaliação constante permitem uma autoaprendizagem que melhorará, não só a postura do professor, como o seu relacionamento com o aluno, estimulando de forma inovadora, a aprendizagem de novas competências, do professor e aluno.

A avaliação/autoavaliação é um elemento integrador e regulador da prática educativa que implica princípios e procedimentos adequados à especificidade de cada um em cada nível de ensino. Neste âmbito torna-se inevitável falar do papel do professor como fomentador dessas práticas, pois ao orientar os alunos no sentido de incrementar hábitos de autoavaliação e autorregulação, permite ao professor e aos alunos, obterem informações importantes sobre o desenvolvimento do trabalho e os progressos /dificuldades no decurso do mesmo. Estas informações são cruciais para a redefinição da prática educativa de cada docente. Nomeadamente, no que diz respeito à Educação Artística, é necessário recorrer a vários métodos e instrumentos de recolha de dados como a análise de dados documentais; observação; portefólio; autoavaliações diárias e autoavaliações no final de cada unidade de trabalho, só assim se poderá aferir de uma forma mais sustentada o processo ensino - aprendizagem.

A avaliação formativa assume um carácter contínuo e sistemático. Recorre a uma grande variedade de instrumentos de recolha de informação, adequados às aprendizagens e aos contextos em que estas ocorrem. Uma das suas funções é a regulação do ensino e principalmente das aprendizagens.

A elaboração de instrumentos de recolha de dados permitiu uma recolha cuidada de informações, por parte de professores, (eu e o professor cooperante), e alunos e uma reflexão diária foi vital para o sucesso dos mesmos. O paradigma do professor reflexivo que regulou e orientou a minha prática educativa permitiu que melhorasse as minhas práticas como profissional.

No decurso deste estudo/investigação nunca foi minha ambição obter conclusões generalizáveis, até porque se tratou de um universo muito reduzido de intervenientes, a turma onde efetuei a prática supervisionada III.

Pretendi apenas entender melhor a realidade onde estagiei, obter respostas às minhas interrogações e algumas elações causa-efeito. Importa, neste seguimento referir, o contributo que a alteração dos métodos de ensino teve no sucesso dos alunos, com um maior número de informações, foi

possível, em conjunto com o professor cooperante, diminuir a taxa de insucesso da disciplina de Educação Visual de 40,7%,(segundo pauta do 2ºP), com referido anteriormente, para 20,3%, contribuindo desta forma, para alcançar uma das prioridades definidas no Projeto Educativo da Escola, a promoção do sucesso escolar.

Não é possível inferir que o conhecimento por mim adquirido sobre a auto-avaliação/avaliação nesta investigação possa ter uma aplicação imediata noutros contextos educativos. Como perspetivas futuras apenas poderei levar os conhecimentos por mim adquiridos, para a próxima escola onde lecionar, e depois de conhecidos os documentos adotados, ajudar os meus colegas a questionar e a refletir sobre a sua utilização, reformulando-os , criando novos e implementando-os.

O objetivo deste estudo como referi anteriormente, prendia-se com a necessidade de tentar encontrar respostas às minhas preocupações e evitar que a avaliação [continue a fazer] ruído visual nas minhas imagens mentais.

Como professora, a mudar sistematicamente de contexto educativo é difícil que a avaliação [deixe de fazer] ruído visual nas minhas imagens mentais, no entanto, com esta investigação consegui limpar algumas. Nomeadamente na importância da implementação de registos diários de autoavaliação dos alunos que até ao momento deste estudo não aplicava. Como professora tinha consciência da importância dos registo diários, e já os aplicava, no entanto depois desta investigação percebi que o seu conceito é mais abrangente.

“A importância do papel do professor enquanto agente de mudança, favorecendo a compreensão mútua e a tolerância, nunca foi tão patente como hoje em dia. Este papel será ainda mais decisivo no século XXI. Os nacionalismos mesquinhos deverão dar lugar ao universalismo, os preconceitos étnicos e culturais à tolerância, à compreensão e ao pluralismo, o totalitarismo deverá ser substituído pela democracia em suas variadas manifestações, e um mundo dividido, em que a alta tecnologia é apanágio de

alguns, dará lugar a um mundo tecnologicamente unido. É por isso que são enormes as responsabilidades dos professores a quem cabe formar o caráter e o espírito das novas gerações.”

Unesco, 1996

Decidi colocar esta citação nas minhas considerações finais fazendo referência à importância do papel do professor enquanto agente de mudança, emanada já em 1996, no “Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI”, pois considero que a Educação tem vindo a passar, no nosso país, uma época onde se discute a sustentabilidade do sistema e a redefinição das políticas educativas. Ser professor é, não só mas também, estar atento ao “mundo” que nos rodeia e a avaliação, lamentavelmente, tem-se tornado num dispositivo regulador do sistema de ensino e das políticas educativas na procura da implementação de um controlo absoluto do sistema educativo por parte dos nossos governantes, tendo em conta objetivos políticos e meramente economicistas em vez de ser entendida como um processo para melhorar as práticas e não para justificar ou legitimar políticas.

A docência torna-se assim, cada vez mais, marcada por constantes desafios. Curiosamente, o maior deles é continuar a ser professora.

8. REFERÊNCIAS

8.1. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barbosa, Ana Mae. (1990/95). *Teoria e prática da Educação Artística*. São Paulo: Cultrix
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação*. Lisboa: Asa Editores.
- Alves, M. P. (2004). *Currículo e Avaliação. Uma perspectiva integrada*. Porto: Porto Editora
- Bell, J. (1993). *Como realizar um projecto de Investigação*. 5.ª Edição. setembro de 2010. Lisboa: Gradiva.
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: uma interpretação à teoria e aos métodos*. Porto. Porto Editora.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Delors, Jacques et al. (1996). *Educação um tesouro a descobrir-Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Cortez Editora.
- Eisner, Elliot W. (1972). *Educating Artistic Vision*. New York: Macmillan
- Fernandes, Domingos (2006). *Para uma teoria da avaliação formativa*. Revista Portuguesa de Educação, 19 (2), p. 21-50.
- Ferreira, C. A. (2007). *A avaliação no quotidiano da sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Hernández, F. (2003). *Educación y Cultura Visual*. Barcelona: Octaedro S.L.
- Hofmann, J. M. L. (2002). *Avaliar para Promover: as setas do caminho*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação.
- Luckesi, C. C. (2002). *Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições*. 14.ª Edição. São Paulo: Cortez.

- Ludke, M., e André, M. (1986). *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Melchior, Maria C.(1994). *Avaliação Pedagógica: função e necessidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Nóvoa, António (2001), Entrevista com António Nóvoa - o professor pesquisador e reflexivo, concedida em 13 de setembro 2001 ao Programa Salto Para o Futuro! Disponível em: <http://desafiopio.blogspot.pt/2008/06/entrevista-com-antnio-nvoa-o-professor.html>, consultada em 10/07/2013.
- Nóvoa, A. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- PEE (2010). *Projeto Educativo 2010-2013*, Agrupamento de Escolas do Levante da Maia, disponível em: <http://www1.levantemaia.com/wp-content/uploads/2011/11/PE-2010-2013.pdf>, consultado em 14/08/2013.
- Perrenoud, P. (1999). *Avaliação. da excelência à regulação das aprendizagens. Entre Duas Lógicas*. Porto Alegre: Artmed.
- Perrenoud, P. (2001). *Porquê construir competências a partir da escola? – Desenvolvimento da autonomia e luta contra as desigualdades*. Porto: Edições Asa.
- Rodrigues, N. (1985). *Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação*. São Paulo: Cortez
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill in Sanches .
- Roldão, M. C. (2004). *Gestão do currículo e avaliação de competências – As questões dos professores*.2.ª Edição. Lisboa: Editorial Presenças.
- Sá-Chaves, I. (2000). Portfólios Reflexivos, Estratégias de Formação e de Supervisão. Cadernos Didáticos, Série Supervisão nº1. Aveiro: Unidade de Investigação Didáctica e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro.
- Santos Guerra, M. A. (2000). *A escola que aprende*. Porto: Edições Asa.

8.2.REFERÊNCIAS LEGISLATIVAS

Decreto-Lei nº 6/2001 de 18 de janeiro.

Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de janeiro.

Despacho Normativo n.º 98-A/92.

Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro- Lei de Bases do Sistema Educativo.

Despacho Normativo nº 6/2010 de 19 de fevereiro.

9. ANEXOS

9.1.ANEXO 1 – PLANIFICAÇÃO DA PRIMEIRA UNIDADE DE TRABALHO DO 3º PERÍODO - “À DESCOBERTA DE UMA EMBALAGEM”



Agrupamento de Escolas de Levante da Maia

Planificação da Unidade de Trabalho

Disciplina: Educação Visual

3º Período

Turma: 7ºD

Ano letivo: 2012/2013

Professora estagiária: Cristina Cardoso

Unidade de Trabalho: À descoberta de uma embalagem

Número de aulas: 7 tempos letivos

Domínios de Referência/ Objetivos Gerais	Descritores de desempenho	Conteúdos	Atividades/Estratégias	Materiais/ Recursos	Avaliação
<p>Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;</p> <p>Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;</p> <p>Técnica: Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas;</p>	<p>Identificar e aplicar figuras geométricas, que aparecendo num mesmo encadeamento lógico, permitem compor diferentes sólidos.</p> <p>Desenvolver ações orientadas para a compreensão dos elementos construtivos, que agregados cumprem uma função de reciprocidade e coexistência</p> <p>Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, régua, esquadro, compasso). Utilizar corretamente</p>	<p>Estrutura: Forma/Função</p> <p>Forma: Perceção visual da forma.</p> <p>Luz/Cor</p>	<p>Os alunos visualizam um PowerPoint sobre embalagem.</p> <p>Explicação das várias fases do trabalho. Esclarecimento de dúvidas.</p> <p>Registo no caderno diário dos diferentes conceitos.</p> <p>Manuseamento e observação de diferentes modelos de embalagens e planificações.</p> <p>Seleção da embalagem que cada aluno quer de acordo com a função que lhe quer atribuir.</p> <p>Realização de estudos para a decoração da sua embalagem.</p>	<p>Computador; Projetor; Máquina fotográfica; Exemplos de embalagens para manusear; Caderno diário; Lápis de grafite; Borracha; Aguça; Lápis de cor; Marcadores; Compasso; Cola; Tesoura; Revistas; Caixas de sapatos; Papel autocolante transparente e cores variadas; Papel químico;</p>	<p><u>Definidas em Pedagógico:</u></p> <p><u>Contínua e baseada em:</u></p> <p><u>Conhecimentos e competências (75%):</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação; *Domínio psicomotor; *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.</p> <p><u>Domínio das atitudes e valores (25%):</u></p>

Representação: Dominar instrumentos de registos, materiais e técnicas de representação;	diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápiz de cor, marcadores, lápis de cera, colagens).		Decalque, recorte e colagem dos elementos escolhidos na embalagem.	Papel de engenharia; Papel de fotocópia de cores; Fotocópias de diferentes silhuetas; Fitas colas de cores diferentes; Cartolinas.	*Responsabilidade; * Interesse; *Participação/Cooperação; *Pontualidade/Assiduidade; *Autonomia; *Autoavaliação.
---	---	--	--	--	---

Tabela de apoio à avaliação:

Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;	Identificar e aplicar figuras geométricas, que aparecendo num mesmo encadeamento lógico, permitem compor diferentes sólidos.	<u>Conhecimentos e competências:</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação; *Domínio psicomotor;	A forma de aferir será feita: Pela Professora: <ul style="list-style-type: none"> ➤ Observação direta; ➤ Registos num diário de bordo; ➤ Interação/Intervenção quando oportuno ou solicitado nos trabalhos dos alunos. Pelos alunos: <ul style="list-style-type: none"> ➤ Registos que considerem oportunos na ficha de registo diário. ➤ Ficha de autoavaliação da unidade de trabalho.
Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;	Desenvolver ações orientadas para a compreensão dos elementos construtivos, que agregados cumprem uma função de reciprocidade e coexistência.	<u>Conhecimentos e competências:</u> *Compreensão e observação;	
Técnica: Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas;	Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, régua, esquadro, compasso).	<u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual;	
Representação: Dominar instrumentos de registos, materiais e técnicas de representação;	Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápiz de cor, marcadores, lápis de cera, colagens).	<u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.	

9.2.ANEXO2 - PLANIFICAÇÃO DA SEGUNDA UNIDADE DE TRABALHO DO 3º PERÍODO- ILUSTRAÇÃO”



Agrupamento de Escolas de Levante da Maia

Planificação da Unidade de Trabalho

Disciplina: Educação Visual

3º Período

Turma: 7ºD

Ano letivo: 2012/2013

Professora estagiária: Cristina Cardoso

Unidade de Trabalho: **Ilustração**

Número de aulas: 7 tempos letivos

Domínios de Referência/ Objetivos Gerais	Descritores de desempenho	Conteúdos	Atividades	Materiais/ Recursos	Avaliação
<p>Projeto: Reconhecer o papel da observação no desenvolvimento do projeto</p> <p>Aplicar princípios básicos do Design na resolução de problemas.</p> <p>Técnica: Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas;</p> <p>Representação: Dominar instrumentos de registos, materiais e técnicas de representação</p>	<p>Identificar no âmbito do projeto, componentes e fases do problema em análise.</p> <p>Desenvolver soluções criativas no âmbito do design, aplicando os seus princípios básicos, em articulação com áreas de interesse da escola.</p> <p>Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, etc.)</p> <p>Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápis de cor).</p>	<p>Comunicação:</p> <p>Papel da imagem na Comunicação;</p> <p>Códigos de Comunicação Visual.</p> <p>Luz/Cor:</p> <p>Luz/Cor na representação</p>	<p>Diálogo com os alunos sobre o que é ilustrar.</p> <p>Motivação para a nova unidade de trabalho através de vídeos na internet e manuseamento de vários livros do patrono da biblioteca o escritor, Manuel António Pina.</p> <p>O que significa ilustrar. Elaboração de uma brainstorming de ideias sugeridas pelos alunos no quadro.</p> <p>Seleção do poema/história/excerto a ilustrar.</p> <p>Explicação das várias fases do trabalho: - momentos a ilustrar; - identificar os elementos compositivos de cada ilustração.</p>	<p>Livros do Escritor Manuel António Pina: "Os Livros"; "Os papéis de K."; "O país das pessoas de pernas para o ar"; " O Têpluquê e outras histórias"</p> <p>Computador; Projetor; Internet; Caderno diário; Lápis de grafite; Borracha; Aguça; Lápis de cor; Caneta ponta fina preta; Marcadores; Folhas de papel</p>	<p><u>Contínua e baseada em:</u> <u>Conhecimentos e competências (75%):</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação; *Domínio psicomotor; *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas. <u>Domínio das atitudes e valores (25%):</u> *Responsabilidade; *Interesse; *Participação/Cooperação; *Pontualidade/Assiduidade; *Autonomia; *Autoavaliação.</p>

		do espaço;	- definir as técnicas a utilizar para a ilustração. Realização de estudos. Construção de um livro para a realização da ilustração. Desenho e pintura da ilustração no livro construído.	cavalinhoA3; Fio; Máquina fotográfica; Aguilha;	
--	--	------------	--	--	--

Tabela de apoio à avaliação:

Projeto: Reconhecer o papel da observação no desenvolvimento do projeto	Identificar no âmbito do projeto, componentes e fases do problema em análise.	<u>Conhecimentos e competências:</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação;	<p>A forma de aferir será feita:</p> <p>Pela Professora:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Observação direta; ➤ Registos num diário de bordo; ➤ Interação/Intervenção quando oportuno ou solicitado nos trabalhos dos alunos. <p>Pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Registos que considerem oportunos na ficha de registo diário. ➤ Ficha de autoavaliação da unidade de trabalho.
Projeto: Aplicar princípios básicos do Design na resolução de problemas.	Desenvolver soluções criativas no âmbito do design, aplicando os seus princípios básicos, em articulação com as áreas de interesse da escola.	<u>Conhecimentos e competências:</u> *Compreensão e observação; *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.	
Técnica: Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas;	Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, régua, esquadro, compasso).	<u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual; *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.	
Representação: Dominar instrumentos de registos, materiais e técnicas de representação;	Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápis de cor, marcadores, lápis de cera, colagens).	<u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.	

9.3.ANEXO 3 – PLANIFICAÇÃO DE AULA DO DIA DE 29 DE
ABRIL DE 2013



Agrupamento de Escolas de Levante da Maia

Plano de aula

Disciplina: Educação Visual

3º Período

Turma: **7ºD**

Ano letivo: 2012/2013

Professora estagiária: Cristina Cardoso

Unidade de Trabalho: À descoberta de uma embalagem

Domínios de Referência: Discurso; Técnica e Representação.

Data: **29 de abril** – 17h00-17h45/17h45-18h30

Reflexão sobre o trabalho programado a realizar:

“Para mim, o ensino é a minha vida. Não separo ambos. Muitas vezes no duche penso: “ E se eu apresentasse o material desta maneira e não da maneira que apresentei o ano passado?”. Por vezes, passam-se vinte minutos no duche sem eu dar por isso. O meu marido pensa que eu sou louca, mas ele é exactamente como eu.”

Bogdan & Byklen, 1994, 223

Escolhi este excerto para iniciar esta reflexão pré-aula pois, desde a última aula e nas mais variadíssimas situações dou por mim a pensar/refletir sobre a mesma e a esboçar diferentes estratégias/metodologias a adotar para tentar não cair nos mesmos erros. Assim e como a aula passada me alonguei demais na teoria, hoje vou já dar início aos projetos e definição das funções da embalagem de cada aluno. Será uma aula mais prática o que me permitirá apoiar de uma forma mais individualizada os alunos nas suas dúvidas. Como tal, vou tentar motivar os alunos para o trabalho a realizar dando especial ênfase ao sentido prático da embalagem que cada aluno pensará para si. Para ajudar na realização do trabalho decidi trazer algum material que tinha em casa e outro que comprei com o intuito dos alunos terem acesso a diferentes materiais e poderem também ter à disposição uma variedade de materiais diversificada para escolherem aqueles que melhor se adequavam ao seu projeto.

Para que cada aluno sinta como “sua” a embalagem ser-lhes-á dada a liberdade de escolherem um tema com o qual se identifiquem e gostem para decorarem a sua caixa.

Lições nº:	Sumário:	Faltas:
Lições 49 e 50	Início da animação gráfica da embalagem: forma/função.	24

Tempo	Conteúdos	Desenvolvimento da aula	Recursos/ Materiais	Avaliação
5 minutos		Distribuição das capas a cada aluno.	Máquina fotográfica;	<u>Definida em Conselho Pedagógico:</u>
5 minutos		Abertura das lições e registo no caderno diário do sumário.	Caderno diário;	<u>Contínua e baseada em:</u>
65 minutos	Estrutura: Forma/Função	Diálogo com os alunos sobre o próximo trabalho a desenvolver.	Lápis de grafite;	<u>Conhecimentos e competências (75%):</u>
	Luz/cor	Seleção da modelo/embalagem de cada aluno de acordo com a função que cada um definiu.	Borracha;	*Conhecimentos de conceitos e princípios básicos;
		Realização de estudos de animação gráfica da embalagem escolhida.	Aguça;	*Compreensão e observação;
		Decalque, recorte e colagem dos elementos escolhidos.	Folha de registo diário do aluno;	*Domínio psicomotor;
			Exemplos de embalagens para manusear;	*Códigos de linguagem visual;
			Compasso;	*Técnicas expressivas.
			Cola;	<u>Domínio das atitudes e valores (25%):</u>
			Tesoura;	*Responsabilidade;
			Revistas;	* Interesse;
			Caixas de sapatos;	*Participação/Cooperação;
			Papel autocolante transparente e cores variadas;	*Pontualidade/Assiduidade;
			Papel químico;	*Autonomia;
			Papel de engenharia;	*Autoavaliação.
			Papel de fotocópia de cores;	
5 minutos		Registo das observações em relação ao trabalho desenvolvido na aula na folha já distribuída para o efeito.	Fotocópias de diferentes silhuetas;	
10 minutos			Fitas colas de cores diferentes;	

		Recolha das capas de cada aluno e das embalagens. Limpeza e organização das mesas de trabalho.	Cartolinas.	
--	--	---	-------------	--

Reflexão sobre o trabalho programado realizado:

O balanço da aula é positivo. Os alunos agora que, “meteram a mão na massa”, estão motivados para a animação gráfica da sua embalagem. O facto de terem a possibilidade de escolher os temas que quiserem para a sua embalagem motivou-os na realização do trabalho.

Pedi que alguns alunos de forma voluntária me emprestassem a ficha de autoavaliação diária para poder ler e refletir sobre as observações lá existentes e melhorar o meu processo educativo. Trouxe o da Carolina, do Fábio, do Hugo Freire e do Jorge que corroboravam o exposto no parágrafo anterior: *“Gostei da aula pois começamos a decoração das embalagens de acordo com os nossos gostos”*- Carolina. O Fábio afirma: *“Este novo trabalho é muito mais fácil e muito divertido”*. O Hugo que ainda está na fase de projeto diz :*“Ainda não comecei o trabalho mas parece fixe ter de decorar a caixa.”* O Jorge escreve: *“Gostei da aula mas passou muito depressa. Acho que me portei bem”*. Não pude deixar de observar os comentários destes alunos relativamente à aula anterior, (22 de abril), e de ver nas suas reflexões o espelho da aula. Afirmava a Carolina: *“ Não gostei muito da aula porque só falamos de embalagens. Não foi nada divertido.”* O Jorge reforçava: *“ Não gostei desta aula porque só demos teoria sobre embalagem.”* No anexo 3 encontram –se as cópias das folhas de autoavaliação de cada um destes alunos.

Percebo agora quando Dewey afirma que ensinar é semelhante a vender. Não se pode ensinar sem haver ninguém para aprender assim como não se pode vender se não houver um comprador.

Tabela de apoio à avaliação:

<p>Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;</p>	<p>Identificar e aplicar figuras geométricas, que aparecendo num mesmo encadeamento lógico, permitem compor diferentes sólidos.</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação; *Domínio psicomotor;</p>	<p>A forma de aferir será feita:</p> <p>Pela Professora:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Observação direta; ➤ Registos num diário de bordo; ➤ Interação/Intervenção quando oportuno ou solicitado nos trabalhos dos alunos. <p>Pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Registos que considerem oportunos na ficha de registo diário.
<p>Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;</p>	<p>Desenvolver ações orientadas para a compreensão dos elementos construtivos, que agregados cumprem uma função de reciprocidade e coexistência.</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Compreensão e observação;</p>	
<p>Técnica: Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas;</p>	<p>Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, régua, esquadro, compasso).</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual;</p>	
<p>Representação: Dominar instrumentos de registos, materiais e técnicas de representação;</p>	<p>Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápis de cor, marcadores, lápis de cera, colagens).</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.</p>	

9.4. ANEXO 4 – PLANIFICAÇÃO DE AULA DO DIA DE 6 DE MAIO DE 2013



Agrupamento de Escolas de Levante da Maia

Plano de aula

Disciplina: Educação Visual

3º Período

Turma: **7ºD**

Ano letivo: 2012/2013

Professora estagiária: Cristina Cardoso

Unidade de Trabalho: À descoberta de uma embalagem

Domínios de Referência: Discurso; Técnica e Representação.

Data: **6 de maio** – 17h00-17h45/17h45-18h30

Reflexão sobre o trabalho programado a realizar:

Para aula de hoje vou tentar movimentar-me o mais possível pela sala de aula com o intuito de ajudar os alunos naquilo que for necessário. Os alunos irão dar continuidade à decoração da sua embalagem, por isso espero que alguns alunos tragam mais material para trabalhar pois na última aula lancei o repto, para trazerem imagem do agrado de cada um para incorporar na sua embalagem. Vou tentar ser uma observadora mais atenta e fazer mais anotações do que considero relevante uma vez que, a solicitação tem sido muita não deixando tempo para escrever grandes anotações. O Tiago é um aluno que desmotiva facilmente, vou tentar motivá-lo para a realização deste trabalho.

Lições nº:	Sumário:	Faltas:
Lições 51 e 52	Continuação do decalque, recorte e colagem dos elementos na embalagem de cada aluno.	29

Tempo	Conteúdos	Desenvolvimento da aula	Recursos/ Materiais	Avaliação
10 minutos		Distribuição das capas e das embalagens a cada aluno.	Máquina fotográfica;	<u>Definida em Conselho Pedagógico:</u>
5 minutos		Abertura das lições e registo no caderno diário do sumário.	Caderno diário;	<u>Contínua e baseada em:</u>
60 minutos	Estrutura: Forma/Função	Diálogo com os alunos sobre os elementos que pesquisaram para incorporar nas suas embalagens.	Lápis de grafite;	<u>Conhecimentos e competências (75%):</u>
	Luz/cor	Decalque, recorte e colagem dos elementos escolhidos.	Borracha;	*Conhecimentos de conceitos e princípios básicos;
			Aguça;	*Compreensão e observação;
			Folha de registo diário do aluno;	*Domínio psicomotor;
			Exemplos de embalagens para manusear;	*Códigos de linguagem visual;
			Compasso;	*Técnicas expressivas.
			Cola;	
			Tesoura;	<u>Domínio das atitudes e valores (25%):</u>
			Revistas;	*Responsabilidade;
			Caixas de sapatos;	*Interesse;
			Papel autocolante transparente e cores variadas;	*Participação/Cooperação;
			Papel químico;	*Pontualidade/Assiduidade;
5 minutos		Registo das observações em relação ao trabalho desenvolvido na aula na folha já distribuída para o efeito.	Papel de engenharia;	*Autonomia;
			Papel de fotocópia de cores;	*Autoavaliação.
10 minutos		Recolha das capas de cada aluno e das embalagens.	Fotocópias de diferentes silhuetas;	
		Limpeza e organização das mesas de trabalho.	Fitas colas de cores diferentes;	
			Cartolinas.	

Reflexão sobre o trabalho programado realizado:

“Ela (a professora de arte) manda a gente ir fazendo, e a gente vai fazendo do jeito que ela manda. Num dos trabalhos, ela mandou a gente amassar uma folha de celofane para depois desamassar e colar numa superfície de cartolina. Quando eu aprontei, ela achou bonito. Mas ela sabe o qué ou não.” Ana Mae Barbosa in *“Recorte e colagem”* (pág. 9)

Hoje senti-me quase como a professora brasileira de 1976 mencionada no livro de Ana Mae Barbosa pois tais foram os pedidos de opinião sobre o que iriam fazer e como. Apesar de estar sistematicamente a dizer-lhes que a embalagem era deles e para eles, continuavam a perguntar-me que cor, que material deveriam utilizar para a animação gráfica.

No entanto e como Rudolf Arnheim no seu livro *“Consideraciones sobre la educacion artística”* afirma: **“En las artes y en el resto de la educación, el mejor profesor no es el que comparte todo lo que sabe o el que se guarda todo lo que podría dar, sino el que, com la sabiduría de un buen jardineiro, observa, juzga y echa una mano cuando su ayuda es necessária”**. Foi desta forma que procedi.

Penso que o balanço é muito positivo, embora ainda estejam a utilizar material que trouxe hoje, já consegui que mais alunos trouxessem material para a decoração da sua embalagem, o que eu considero uma grande evolução na postura e predisposição desta turma para com este projeto. Os alunos estão a trabalhar com muito entusiasmo e motivação.

O trabalho fluiu, os alunos estiveram motivados pois cada um está a decorar um embalagem única e com a função que lhe quer atribuir.

Penso que é a primeira vez que realizam um trabalho em que cada um realiza um trabalho em que não tem um tema instituído o que lhes está a dar um certo “gozo” a fazer.

Hoje trouxe para casa a folha de autoavaliação diária do Diogo Machado e da Joana ambos disseram que estiveram a executar a embalagem, mas a Joana que a dela está um pouco atrasada, pelo que vou tentar dar mais atenção ao seu trabalho e ver se precisa de alguma orientação.

Tabela de apoio à avaliação:

<p>Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;</p>	<p>Identificar e aplicar figuras geométricas, que aparecendo num mesmo encadeamento lógico, permitem compor diferentes sólidos.</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação; *Domínio psicomotor;</p>	<p>A forma de aferir será feita:</p> <p>Pela Professora:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Observação direta; ➤ Registos num diário de bordo; ➤ Interação/Intervenção quando oportuno ou solicitado nos trabalhos dos alunos. <p>Pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Registos que considerem oportunos na ficha de registo diário.
<p>Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;</p>	<p>Desenvolver ações orientadas para a compreensão dos elementos construtivos, que agregados cumprem uma função de reciprocidade e coexistência.</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Compreensão e observação;</p>	
<p>Técnica: Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas;</p>	<p>Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, régua, esquadro, compasso).</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual;</p>	
<p>Representação: Dominar instrumentos de registos, materiais e técnicas de representação;</p>	<p>Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápis de cor, marcadores, lápis de cera, colagens).</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.</p>	

9.5.ANEXO 5 – PLANIFICAÇÃO DE AULA DO DIA DE 13 DE
MAIO DE 2013



Agrupamento de Escolas de Levante da Maia

Plano de aula

Disciplina: Educação Visual

3º Período

Turma: 7ºD

Ano letivo: 2012/2013

Professora estagiária: Cristina Cardoso

Unidade de Trabalho: À descoberta de uma embalagem / Unidade de trabalho: Ilustração

Domínios de Referência: Discurso; Técnica e Representação. / Domínios de Referência: Projeto; Técnica e Representação.

Data: **13 de maio** – 17h00-17h45/17h45-18h30

Reflexão sobre o trabalho programado a realizar:

Hoje vou concluir a unidade de trabalho em curso e introduzir a nova. Espero que hoje não aconteça como na aula de 22 de abril.

Desta vez, vou fazer uma pequena introdução à ilustração, deixar que os alunos participem com ideias, (brainstorm), e não me vou alongar para não tornar a aula demasiado expositiva e maçadora. Trouxe livros para eles manusearem e assim poderem já pensar no texto/excerto/história que querem ilustrar. Tenho receio que como são livros do patrono da escola, o escritor Manuel António Pina, não achem nada de interessante.

Lições nº:	Sumário:	Faltas:
Lições 53 e 54	Conclusão da unidade de trabalho: "À descoberta de uma embalagem". Preenchimento da ficha de autoavaliação da unidade de trabalho. Motivação para a nova unidade de trabalho: "Ilustração" Diálogo sobre possíveis textos a trabalhar, do patrono da biblioteca-, o escritor. Manuel António Pina.	4,15,24

Tempo	Conteúdos	Desenvolvimento da aula	Recursos/ Materiais	Avaliação
10 minutos		Distribuição das capas e das embalagens a cada aluno.		
5 minutos	Estrutura: Forma/Função	Abertura das lições e registo no caderno diário do sumário.	Livros do Escritor Manuel António Pina: "Os Livros"; "Os papéis de K."; "O país das pessoas de pernas para o ar"; O Têpluquê e outras histórias"	<u>Definida em Conselho Pedagógico:</u>
30 minutos	Luz/cor	Conclusão do decalque, recorte e colagem dos elementos escolhidos nas caixas de cada aluno. Preenchimento da ficha de autoavaliação.	computador; projektor; internet, Máquina fotográfica; Caderno diário; Lápis de grafite; Borracha; Aguça;	<u>Contínua e baseada em:</u>
30 minutos	Comunicação: Papel da imagem na Comunicação. Comunicação: Códigos de Comunicação Visual	Diálogo com os alunos sobre o novo trabalho a desenvolver. Motivação para a nova unidade de trabalho através da visualização de alguns vídeos e manuseamento de livros do patrono da biblioteca, o escritor Manuel António Pina para a seleção de um texto/história a ilustrar. Elaboração de uma brainstorm no quadro sobre o que significa ilustrar.	Folha de registo diário do aluno; Cola; Tesoura; Caixas de sapatos; Papel autocolante transparente e cores variadas; Papel químico; Papel de engenharia; Papel de fotocópia de cores; Fotocópias de diferentes silhuetas; Fitas colas de cores diferentes; Cartolinas. Folha de registo diário do aluno;	<u>Conhecimentos e competências (75%):</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação; *Domínio psicomotor; *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.
5 minutos		Registo das observações em relação ao trabalho desenvolvido na aula na folha já distribuída para o efeito.		<u>Domínio das atitudes e valores (25%):</u> *Responsabilidade; * Interesse; *Participação/Cooperação; *Pontualidade/Assiduidade; *Autonomia; *Autoavaliação.
10 minutos		Recolha das capas de cada aluno. Limpeza e organização das mesas de trabalho.		

Reflexão sobre o trabalho programado realizado:

Apesar de ter lido e explicado a forma de preencherem a ficha de autoavaliação e ter perguntado se tinham dúvidas, alguns alunos limitaram-se a responder às perguntas que lá surgiam, sem construírem um texto como lá era pedido.

Aos alunos que não tinham terminado as suas embalagens foi dada a possibilidade de as terminar em casa.

É curioso que agora são os alunos que se oferecem e me lembram para recolher as folhas de autoavaliação diárias. Hoje sem que eu dissesse nada, depois de escreverem a sua reflexão prontamente 6 alunos me entregaram a sua folha para que eu trouxesse para casa.

A Ana Lúcia refere: *" Não gostei muito desta aula, porque não realizamos nenhum trabalho."* O Luís por sua vez diz: *" A aula foi divertida"*. O Nelson: *"Aprendemos várias coisas sobre Manuel António Pina"*. O Ricardo : *" Acabamos a unidade de trabalho , foi divertido e iniciamos uma nova unidade de trabalho"*. O Rúben diz: *" Eu achei que a aula foi muito teórica"*. O Tiago Santos escreve: *" Gostei muito de fazer a embalagem porque é como nós queremos, nós lideramos."* Ao analisar estes comentários penso que a aula foi mais bem organizada/pensada.

Uma nota quase de rodapé mas que achei muito interessante, quando estão a sair tenho por hábito dizer bom fim de semana pois só nos vemos na 2feira seguinte e achei curioso o reparo do Hugo Daniel que me diz: *" Porque é que a professora não diz antes continuação de boa semana, e até 2feira que vem?"*. Achei fantástico este reparo muito pertinente, pois julgava que a maior parte deles nem me ouvia tal era a pressa de sair, (18h30),.

" As escolas são, também o lugar onde os professores aprendem e aprendem com os alunos, num processo de permanente socialização profissional e construção identitária" in Rui Canário, "O que é a Escola? Um "olhar" sociológico".

Tabela de apoio à avaliação:

<p>Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;</p>	<p>Identificar e aplicar figuras geométricas, que aparecendo num mesmo encadeamento lógico, permitem compor diferentes sólidos.</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação; *Domínio psicomotor;</p>	<p>A forma de aferir será feita:</p> <p>Pela Professora:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Observação direta; ➤ Registos num diário de bordo; ➤ Interação/Intervenção quando oportuno ou solicitado nos trabalhos dos alunos. <p>Pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Registos que considerem oportunos na ficha de registo diário. ➤ Ficha de autoavaliação.
<p>Discurso: Dominar tipologias de discurso geométrico bi e tridimensional;</p>	<p>Desenvolver ações orientadas para a compreensão dos elementos construtivos, que agregados cumprem uma função de reciprocidade e coexistência.</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Compreensão e observação;</p>	
<p>Técnica: Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas;</p>	<p>Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, régua, esquadro, compasso).</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual;</p>	
<p>Representação: Dominar instrumentos de registos, materiais e técnicas de representação;</p>	<p>Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápis de cor, marcadores, lápis de cera, colagens).</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.</p>	

Tabela de apoio à avaliação:

<p>Projeto: Reconhecer o papel da observação no desenvolvimento do projeto</p>	<p>Identificar no âmbito do projeto, componentes e fases do problema em análise.</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Conhecimentos de conceitos e princípios básicos; *Compreensão e observação;</p>	<p>A forma de aferir será feita:</p> <p>Pela Professora:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Observação direta; ➤ Registos num diário de bordo; ➤ Interação/Intervenção quando oportuno ou solicitado nos trabalhos dos alunos. <p>Pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Registos que considerem oportunos na ficha de registo diário.
<p>Projeto: Aplicar princípios básicos do Design na resolução de problemas.</p>	<p>Desenvolver soluções criativas no âmbito do design, aplicando os seus princípios básicos, em articulação com as áreas de interesse da escola.</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Compreensão e observação; *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.</p>	
<p>Técnica: Diferenciar materiais básicos de desenho técnico na representação e criação de formas;</p>	<p>Desenhar objetos simples presentes no espaço envolvente, utilizando materiais básicos de desenho técnico (papel, lápis, régua, esquadro, compasso).</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual; *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.</p>	
<p>Representação: Dominar instrumentos de registos, materiais e técnicas de representação;</p>	<p>Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápiz de cor, marcadores, lápis de cera, colagens).</p>	<p><u>Conhecimentos e competências:</u> *Códigos de linguagem visual; *Técnicas expressivas.</p>	

9.6. ANEXO 6 – FOLHA DE AUTOAVALIAÇÃO DIÁRIA



Folha de autoavaliação do meu trabalho realizado na aula:

Nome: _____ 7ºD nº _____

Esta folha permite-te anotares observações em relação ao trabalho desenvolvido em cada aula. Podes escrever sobre o que fizeste, o que sentiste, se achaste o trabalho aborrecido ou interessante, se estás a ser fácil/difícil, se estás a aprender muito ou pouco, se é algo novo ou não. Resumindo, tudo aquilo que considerares importante referir sobre o projeto que estás a desenvolver.

8 abril 2013	
-----------------------------	--

15 abril 2013	
------------------------------	--

22 abril 2013	
------------------------------	--

29 abril 2013	
------------------------------	--

6 maio 2013	
----------------------------	--

13 maio 2013	
-----------------------------	--

20 maio 2013	
-----------------------------	--

27 maio 2013	
-----------------------------	--

3 junho 2013	
-----------------------------	--

--	--

9.7. ANEXO 7 – FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO “À DESCOBERTA DE UMA EMBALAGEM”



Ficha de autoavaliação da Unidade de Trabalho:

"À descoberta de uma embalagem" :

Nome: _____ 7ºD nº _____

Hoje finalizamos a unidade de trabalho, " À descoberta de uma embalagem". Esta folha permite-te anotares observações em relação ao trabalho desenvolvido ao longo da mesma. Assim debes refletir sobre todo o trabalho desenvolvido.

Elabora um texto onde podes responder a estas perguntas:

O que aprendeste de novo sobre embalagens?

Porque escolheste esse tipo de embalagem e qual a utilidade que lhe vais dar?

Como decoraste a tua embalagem? E com quê?

Definiste alguma estratégia para a realização do teu trabalho?

Cometeste algum erro? O que farias de diferente?

Sentiste dificuldades durante o desenvolvimento desta unidade de trabalho?

O que achaste de interessante/motivador na decoração da tua embalagem?

Podes ainda acrescentar outras sugestões/reflecções que consideres pertinentes.

9.8. ANEXO 8 – FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO DA UNIDADE DE TRABALHO “ILUSTRAÇÃO”



Ficha de autoavaliação da Unidade de Trabalho:

"Ilustração":

Nome: _____ 7ºD nº _____

Hoje finalizamos a unidade de trabalho, "Ilustração". Esta folha permite-te anotares observações em relação ao trabalho desenvolvido ao longo da mesma. Assim deves refletir sobre todo o trabalho desenvolvido.

Elabora um texto onde podes responder a estas perguntas:

O que aprendeste de novo sobre ilustração?

Definiste alguma estratégia para a realização do teu trabalho?

Cometestes algum erro? O que farias de diferente?

Sentiste dificuldades durante o desenvolvimento desta unidade de trabalho?

O que achaste de interessante/motivador na ilustração da tua história?

Podes ainda acrescentar outras sugestões/reflecções que consideres pertinentes.

Obrigada